

identidades

1822
1922
2022



identidades

1822 1922 2022

22 DE FEVEREIRO A
22 DE MAIO DE 2022

PATROCÍNIO



CONCEITO E GERENCIAMENTO



APOIO



INTRODUZINDO *IDENTIDADES 1822, 1922, 2022*

O Farol Santander orgulhosamente apresenta *Identidades – 1822, 1922, 2022* – uma reflexão sobre a nossa identidade a partir da arte e de sua interface com outros campos de conhecimento.

Um olhar abrangente sobre um arco de 200 anos de história do nosso país – período rico na construção da identidade nacional, a partir da independência do Brasil e na luta pela autonomia cultural e artística que se deu no desenrolar do século XX.

Com a curadoria de Ana Cristina Carvalho, Carlos Faggin e Fernando Brandão, a mostra apresenta uma interpretação das múltiplas maneiras com que a arte e a criatividade podem nos fazer entender o passado e, ao mesmo tempo, trazer luz para o futuro.

Tendo como centro irradiador a icônica Semana de Arte Moderna de 1922, a exposição apresenta uma seleção de quase 200 obras das coleções Santander Brasil e Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

Queremos homenagear todos os participantes desses importantes movimentos que transformaram a história do Brasil, reafirmando seu compromisso com o resgate da memória, o despertar da criatividade e o fomento da cultura.

PATRICIA AUDI

Vice-Presidente Executiva de Relações Institucionais e Sustentabilidade





Identities – 1822, 1922, 2022 apresenta um grande desafio: abordar, por meio das 100 obras reunidas, os contextos social, cultural, econômico e político, nos períodos e ambientes em que viveram (e vivem) seus autores, procurando revelar fatos e mitos da historiografia brasileira em três séculos de transformação – da tradição à modernidade.

Mas por onde começar?

Nossa proposta aqui é ver a pintura, o desenho, a gravura, a escultura, o poema e também a música como algo que revela abertamente o processo das práticas artísticas, enxergando-os como representações que resultam de diversos aspectos sociais, assim como seus personagens e as bases sobre as quais se apoiam a história de duas celebrações fundamentais para a construção “das identidades” no Brasil: 1822 e a independência política do país, e 1922 e a Semana de Arte Moderna, uma referência do moderno nas artes e na cultura brasileira.

Longe de esgotar as fronteiras das questões do que significa ser moderno na arte e de sua relação com a identidade nacional, esta exposição de obras do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo e da Coleção Santander Brasil está distribuída em quatro andares do edifício Altino Arantes (Farol Santander), imóvel ícone da cidade, reconhecido pelo patrimônio histórico de São Paulo.

Há um percurso que nos leva às portas do moderno, que tem início com a chegada da corte portuguesa ao Brasil. Nenhum outro país até então havia testemunhado o deslocamento da sede do governo da metrópole para a colônia – e há algo inovador nessa decisão. Com ela, vieram 60 mil livros da Biblioteca Real Portuguesa, e assim foi fundada a Real Biblioteca Brasileira, hoje Biblioteca Nacional do Brasil. Para a difusão das artes e da arquitetura, foi trazida para cá a Missão Cultural Francesa, encarregada de fundar e difundir o ensino e a prática das artes maiores em nossa terra, chegando com ela viajantes estrangeiros, que procuravam documentar aquilo que viam e a forma como a sociedade aqui formada se compunha.

Nossos viajantes, porém, conheciam as belezas do desenvolvimento e os benefícios da Revolução Industrial, trazendo consigo muitas novidades. E se por aqui muitas vezes se proferia a palavra “república”, fato é que tardamos muito a proclamá-la, sendo inclusive os últimos a abolir a escravidão na América

No período que sucedeu à instalação da corte monárquica no Brasil (que se estende de 1808 a 1889, data da Proclamação da República), o Brasil começou, por necessidade, a se conectar com o mundo industrializado – e a produção de café teve um papel primordial nesse processo de industrialização.

Nesta mostra, as referências à cultura do café são ilustradas por meio de obras que exibem a riqueza trazida pela cafeicultura, a qual transformou a cidade de São Paulo em uma metrópole moderna.

O “mundo novo” chegava aqui também nos braços dos imigrantes; mas junto com a nova mão de obra especializada, que substituiria paulatinamente a escravatura, que minguava, havia a resistência dos barões do café, os quais temiam perder seus lucros, mas a liberdade dos povos negros e indígenas, por fim, venceu.

Mais um andar ainda, espera-nos com “Um Passeio na Avenida Paulista”, um corredor com ícones das duas coleções – o Acervo dos Palácios e Santander Brasil – e metáfora da avenida vai nos conectar com a imensa diversidade de expressões artísticas contemporâneas.

ANA CRISTINA CARVALHO
CARLOS AUGUSTO MATTEI FAGGIN
Curadores da Exposição



200 anos de independência política, 100 anos de identidade cultural. Dois séculos de legados.

Uma reflexão sobre nossa própria identidade terá que ser o ponto de partida do processo de construção que temos pela frente, se desejamos que o desenvolvimento futuro se alimente da criatividade de todos os cidadãos e contribua para os anseios mais legítimos destes...

Esta exposição pretende-se espelho. Onde nos vemos. Onde construímos consciência de nós mesmos.

Oportunidade para se ver!

FERNANDO BRANDÃO
Arquiteto da Exposição

1822

10. Jean-Baptiste Debret
11. Raphael Galvez
12. Johann Moritz Rugendas
13. Nicola de Corsi
14. Djanira da Motta e Silva
15. Tarsila do Amaral
16. Benedito Calixto
17. Alfredo Volpi
18. Rubem Valentim
19. Agnaldo Manoel dos Santos
20. Mestre Valentim
21. François Linke
22. Objetos históricos

1922

38. Candido Portinari
39. Anita Malfatti
40. Tarsila do Amaral
41. Ismael Nery
42. Flávio de Carvalho
43. Nicola Petti
44. Regina Gomide Graz
45. Di Cavalcanti
46. Paulo Rossi Osir
47. Aldo Bonadei
48. Francisco Rebolo
49. Madeleine Colaço
50. Hisamatsu Mitake
51. José Claudio da Silva
52. Roberto Burle Marx
53. Claudio Tozzi
54. Hércules Barsotti
55. Ivan Serpa
56. Antonio Henrique Amaral
57. Cícero Dias
58. Kennedy Bahia
59. Carybé
60. Márcio Scavone
61. Vicente do Rego Monteiro
62. Victor Brecheret
63. Galileo Emendabili
64. Émile Gallé

2022

68. Flávia Metzler
69. Manezinho Araújo
70. José Roberto Aguilar
71. Élle de Bernardini
72. Tuca Reinés
73. Ranchinho
74. Luiz Braga
75. Agostinho Batista de Freitas
76. Walter Firmo
77. Mário Gruber
78. Flavia K e Sergio Free
79. Flavia K
80. Claudia Jaguaribe
81. Vânia Toledo
82. Renata de Bonis
83. Fernanda Rappa
84. Siron Franco
85. Valdir Cruz
86. Araquém Alcântara
87. Cristiano Mascaro
88. Valdevino Alves Conceição
89. Emanuel Araújo
90. Agenor Franciso dos Santos

1822



Fragmento de Tecto de Igreja século XVIII.
Cemitério de São João.

JEAN-BAPTISTE DEBRET

Paris, França, 1768 – Paris, França, 1848

**Páginas do livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil -
Aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot de 1834**

1955, Impressão sobre papel, 57cm x 58cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

O período que se seguiu à abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, foi de grande crescimento urbano e do tráfico de escravos. Entre 1800 e 1850, cerca de um milhão de africanos passaram pelo Rio de Janeiro, e, após a extinção do tráfico na década de 1850, houve um aumento no comércio interno de escravos. Essa era a realidade no período em que Debret estava fazendo seus registros. Debret, artista francês que foi aluno de um dos principais artistas do neoclassicismo francês, Jacques Louis David, chegou ao Brasil em 1816, com a missão artística francesa. Dentre os princípios de sua arte estava a tríade arte, política e história, e ele buscava representar a história brasileira bem como os usos e costumes locais, partindo de um ponto de vista de ideais republicanos, advindos de sua experiência francesa. Ao retratar cenas do cotidiano, perde-se a individualidade dos povos para criar uma imagem agregadora e homogeneizante, cujo objetivo é representar com maior atenção as funções sociais e o desenvolvimento da nação. Os negros trazem então a possibilidade do progresso, pois são quitandeiras, lavadeiras, barbeiros, carregadores de água, leite e capim, pavimentadores, limpadores, serradores, entre outros – como afirma Debret “tudo assenta pois, neste país, no escravo negro”.



PL. 86 - SCÈNES DE LA RUE A RIO DE JANEIRO.

RAPHAEL GALVEZ

São Paulo, SP, 1907 – São Paulo, SP, 1998

Henrique Dias

sem data, bronze, 54cm x 38cm x 25cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

O personagem retratado pelo escultor Raphael Galvez é Henrique Dias, militar pernambucano filho de escravos libertos e um dos heróis da Insurreição Pernambucana – que culminou com a expulsão dos holandeses do nordeste do país, em 1654 – herói negro que, mesmo ferido, não abandona a guerra, uma vez que Dias teve sua mão esquerda estilhaçada por um tiro de arcabuz em batalha e decidiu decepar a mão e continuar o combate, conseguindo a vitória. Em sua homenagem, até a Independência, os batalhões brasileiros compostos de soldados negros eram chamados de “Henrique Dias” ou “dos Henriques”. O artista Raphael Galvez estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e sua escultura data das décadas de 1930 e 1940, período no qual frequentou o Sindicato dos Artistas Plásticos, que funcionava no palacete Santa Helena e, por este motivo, foi companheiro de Bonadei, Rebolo e outros artistas do grupo.



JOHANN MORITZ RUGENDAS

Augsburg, Alemanha, 1802 – Weilheim, Alemanha, 1858

Coroatos e Coropos

1835, impressão sobre papel, 31,5cm x 25cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo

O pintor alemão Johann Moritz Rugendas chegou ao Brasil convidado para integrar a expedição organizada por Langsdorff, então cônsul-geral da Rússia no Brasil. Essa expedição foi uma das mais importantes incursões científicas aqui realizadas logo após a Independência. Rugendas viajou pelo interior do Brasil entre 1824 e 1825. Desligou-se de Langsdorff e deslocou-se por sua conta de Minas Gerais para a Bahia e Pernambuco, voltando para a Europa em 1830. Parte de seu trabalho foi representar as diversas etnias indígenas que conheceu nas expedições das quais participou. Aqui estão retratados tipos indígenas das tribos Coroatos e Coropos, que, em meados do século XIX, habitavam a região do atual município de Piraúba, em Minas Gerais.



NICOLA DE CORSI

Odessa, Ucrânia, 1882 –Nápoles, Itália, 1956

Palacete Elias Chaves

década de 1910, aquarela e pastel sobre papel, 45,5cm x 47cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Nicola de Corsi, em passagem por São Paulo, entre 1912 e 1922, atraído pela clientela de elite que adquiria obras de arte para suas residências, pintou um dos poucos registros da fachada do Palacete do cafeicultor e político Elias Pacheco Chaves, localizado nos Campos Eliseos, o primeiro bairro planejado da capital paulista. A obra revela, com a paleta luminosa do artista, a composição europeia do prédio, seu jardim e fachada em estilo eclético, comum na cidade de São Paulo, que seguia os modelos franceses. O título da pintura relaciona o edifício ao seu primeiro morador, Pacheco Chaves, que ali viveu entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando, em 1911, o Governo do Estado de São Paulo adquiriu o prédio e alterou sua denominação para Palácio dos Campos Eliseos.



DJANIRA DA MOTTA E SILVA

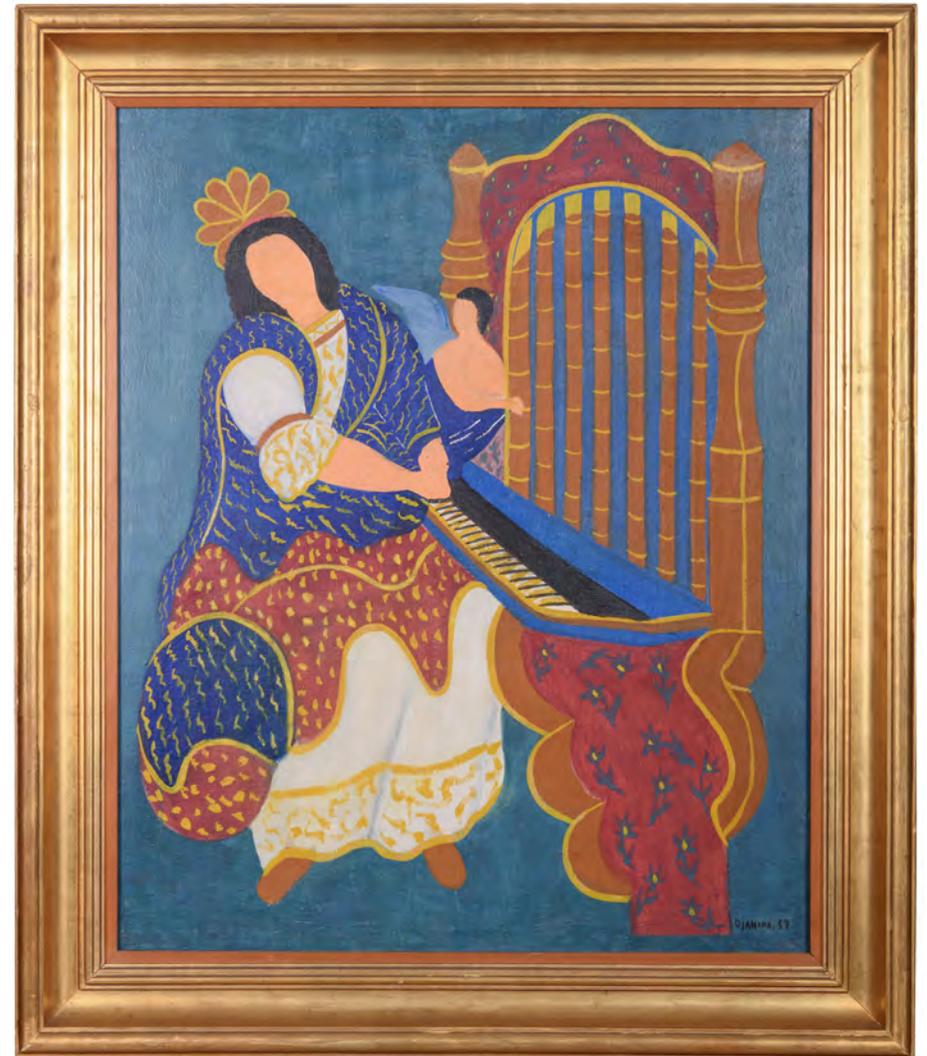
Avaré, SP, 1914 – Rio de Janeiro, RJ, 1979

Santa Cecília

1957, óleo sobre tela, 61,5cm x 53cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A pintora Djanira da Motta e Silva afirmava ter começado a desenhar a partir de sua observação amorosa do mundo. Religiosa fervorosa, tornou-se freira da Ordem Terceira das Carmelitas, assumindo o nome Irmã Teresa do Amor Divino, e foi a primeira artista latino-americana a integrar o acervo do Museu do Vaticano. Muitas de suas obras retratam esse fervor, indo de encontro à busca modernista pelo passado colonial brasileiro, festas populares e religiosidade. Na obra Santa Cecília, retrata a santa mártir e padroeira da música, sentada junto a um órgão, cuja estrutura revela a influência barroca, bem como os “douramentos” que utiliza em toda a obra.

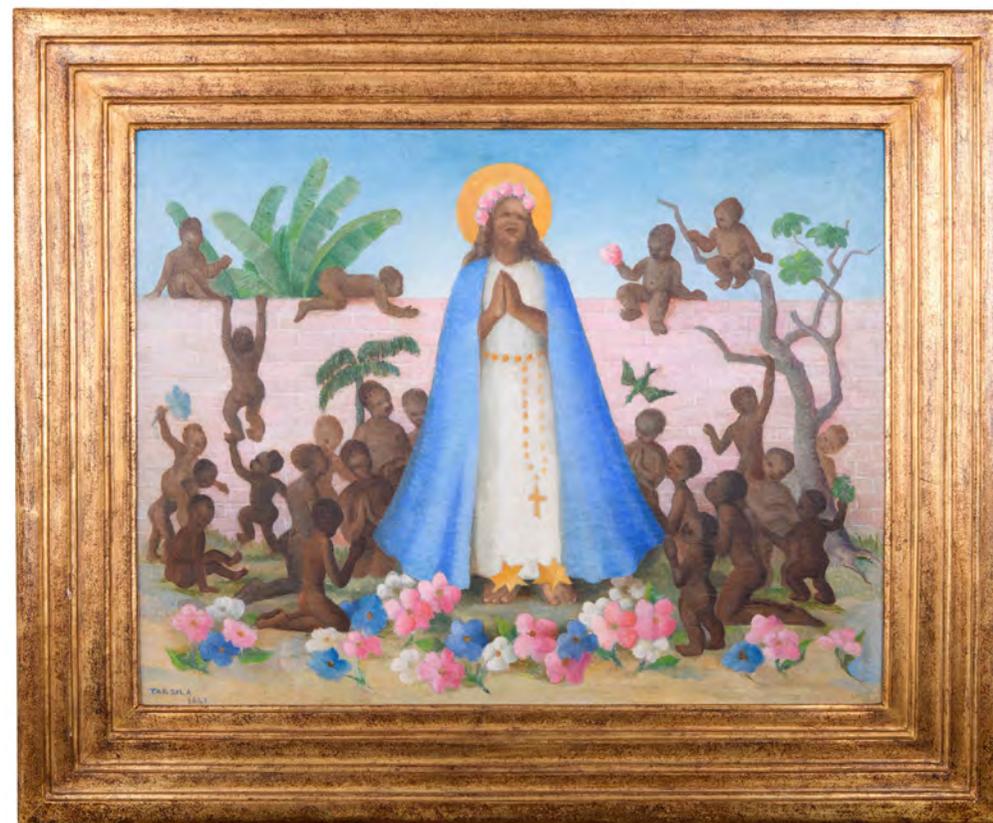


TARSILA DO AMARAL
Capivari, SP, 1886 – São Paulo, SP, 1973

Santa Irapitinga do Segredo
1941, óleo sobre tela, 68,5cm x 83cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Santa Irapitinga do Segredo, cercada de anjinhos representados por crianças negras que brincam ao seu redor, ilustra o colorido típico da fase pau-brasil da artista Tarsila do Amaral, que se faz presente nas cores marcantes de sua produção, denominadas "caipiras", no azul e rosa das flores de manacá ao pé da santa, inspirada pelos altares populares das casas simples, enfeitados de flores de papel crepom. A palavra Irapitinga, nome da santa, pode ter influência da língua tupi, de "gûyrá-pitinga", "ave pintada". Essa teoria teria alguma ressonância no pássaro, que faz um voo descendente de encontro à santa e pode ser interpretado como uma referência ao Espírito Santo, também negro e provável referência à um símbolo da religiosidade sincrética do Brasil.



BENEDITO CALIXTO
Conceição de Itanhaém, SP, 1853 – São Paulo, SP, 1927

As Perobeiras
1887, óleo sobre tela, 1,44m x 89,7cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo

As Perobeiras é resultado da preocupação do artista Benedito Calixto com a preservação do patrimônio paulista, especialmente diante da devastação das florestas naturais. Nesta obra, Calixto denuncia a devastação das perobeiras, árvore natural da mata Atlântica. A cidade de Bebedouro, onde o cultivo do café, principal produto regional, ocupou um vasto território no final do século XIX, contribuiu para o desenvolvimento da economia paulista. No verso da obra, o pintor escreve sua indignação e preocupação com o patrimônio natural: "As Perobeiras (na Terra do Café). É uma espécie de flora paulista que agoniza! De um estudo do natural feito por B. Calixto em 1906, na Fazenda Santa Maria em Bebedouro".



ALFREDO VOLPI

Lucca, Itália, 1896 – São Paulo, SP, 1988

Madona

sem data, serigrafia sobre papel, 78cm x 1,29m

Coleção Santander Brasil

Alfredo Volpi foi um dos importantes imigrantes italianos que trouxeram as tendências da arte e da cultura europeia para o Brasil. Chegou no país com sua família em 1897, estabelecendo-se em São Paulo onde, na juventude, trabalhou como marceneiro, entalhador e encadernador. Aos 15 anos, tornou-se aprendiz de decorador de parede, pintando frisos, florões e painéis em residências, aventurando-se também na pintura sobre madeira e tela. Aos poucos, foi se integrando ao meio artístico da capital paulista. Participou do Grupo Santa Helena, formado por imigrantes proletários, em sua maioria italianos, que pintavam nas horas de folga. Em sua obra, destacam-se a religiosidade e os temas populares imortalizados em sua série de bandeirinhas de festas juninas. Nesta gravura, Volpi representa uma madona em posição frontal, revelando já a influência da abstração e do Concretismo em sua produção artística. Além da pintura de cavalete, dedicou-se à criação de murais em capelas pelo interior paulista.



RUBEM VALENTIM

Salvador, BA, 1922 – São Paulo, SP, 1991

Sem título

sem data, serigrafia sobre papel, 1,24m x 97cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Rubem Valentim acreditava que a arte é um exercício de liberdade, uma ferramenta contra a violência. Ele incorporou à arte brasileira o mundo da espiritualidade das religiões de matriz africana, criando obras de forte religiosidade e simbiose cultural. Em suas gravuras, a linguagem visual apresenta símbolos geométricos do sincretismo religioso brasileiro, cultos e religiões, como a cruz romana ou os pontos riscados do candomblé, em busca da identidade cultural brasileira.



AGNALDO MANOEL DOS SANTOS

Itaparica, BA, 1926 – Salvador, BA, 1962

Mãe Preta

década de 1950, madeira talhada, 82cm x 29cm x 28cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Agnaldo Manoel dos Santos, escultor baiano, negro, é um dos artistas da arte brasileira cujo reconhecimento foi subvalorizado, considerando sua originalidade e temática fundamental para a identidade brasileira. Descendente de negros e índios, e muito pobre, somente teve oportunidade de contato com a arte no ano de 1947, quando ingressou no ateliê do artista Mario Cravo Junior (1923-2018), em Salvador, primeiro como vigia, depois ajudante e aprendiz. O cotidiano do ateliê despertou-lhe o gosto pela escultura, e a rara convivência com artistas, como o fotógrafo Pierre Verger (1902-1996) e o pintor Jenner Augusto (1924-2003), entre tantos outros contemporâneos pesquisadores de temas afro-brasileiros que visitavam o ateliê, revelou-lhe os caminhos da arte. Mãe Preta é um trabalho que mostra a influência da escultura africana, com referência à figura materna e suas questões étnicas, além do uso do pau preto na escultura tradicional africana. Agnaldo provavelmente fez uso de um material natural que escureceu a madeira utilizada por ele (jaqueira, ipê e pau d'arco). Olhos amendoados, nariz triangular e lábios grossos formam o rosto da madona de Agnaldo.





MESTRE VALENTIM

Serro, MG, 1745 – Rio de Janeiro, RJ, 1813

Fragmento com Três Anjos

século XVIII, madeira talhada e douramento, 85cm x 1,18m x 30cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

FRANÇOIS LINKE

Deutsch Pankraz, República Checa, 1855 – Paris, França, 1946

Canapé

c. 1900, madeira entalhada, torneada, douramento, tecido e pregaria em metal,
1,18m x 2,07m x 88cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo





Busto de D. Pedro I
1972, bronze, 67cm x 54cm x 30cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Este busto de D. Pedro I foi produzido em série no âmbito das comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1972. Na ocasião, a grande cerimônia foi a transferência dos despojos de D. Pedro I de Portugal para o Brasil, com exceção do seu coração, que fora doado em testamento para a Igreja da Lapa, na cidade do Porto, em Portugal. Até chegar ao seu destino na cripta da Capela Imperial, no Monumento à Independência – erguido na ocasião do centenário da Independência, em 1922 –, o esquife com os restos mortais de D. Pedro I peregrinou pelas capitais brasileiras, algumas delas apresentadas com um exemplar deste bronze. São Paulo foi a última capital por onde passou a comitiva, depois de percorrer 26 mil quilômetros de norte a sul do país. Só no Palácio dos Campos Elíseos, antiga sede do Governo do Estado de São Paulo, a urna do Imperador foi visitada por 18 mil pessoas.



Espelho em estilo D. João V
sem data, madeira entalhada, douramento e cristal, 2,20m x 1,32m x 15cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



**Prato do Serviço de Francisco José Teixeira,
Barão de Itambé**
século XIX, porcelana francesa, 24cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo



**Prato do Serviço de Pedro Ribeiro de Souza
Rezende, Barão de Valença**
século XIX, porcelana francesa, 22,2cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo



**Prato do Serviço de José Maria da Silva
Paranhos, Barão de Rio Branco**
século XIX, porcelana francesa, 28cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo



**Prato do Serviço de Miguel José Maria de Teive e
Argolo, Barão de Paramirim**
século XIX, porcelana francesa, Vieux Paris, 24cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo
do Estado de São Paulo

A porcelana foi inventada na China, entre os séculos VI e VII, e ficou conhecida no Japão e no Ocidente europeu a partir do século XVIII. Foi descoberta acidentalmente pelo cozimento de objetos de argila a temperaturas muito altas (1.450 C°). Nessa temperatura, o feldspato, o caulim e o quartzo presentes na argila dão a ela dureza elevada e superfície vítrea. As viagens do descobrimento, ocorridas entre os séculos XV e XVII, estreitaram os vínculos comerciais da Europa com a China e o Japão, e assim descobriram a porcelana, tratando de importá-la e, mais tarde, de fabricá-la em grande escala. Por muito tempo, a porcelana foi chamada no Ocidente de "china". A Companhia das Índias Orientais, uma joint venture comercial fundada em 1621 nos Países Baixos, acabou por reunir Grã-Bretanha, Dinamarca, Suécia, Portugal, Itália e França e tratou de dinamizar o comércio entre Ocidente e Oriente.

Os principais fabricantes de porcelana na Europa e no Japão estabeleceram-se a partir do século XVIII. A Alemanha foi o primeiro país europeu a fabricar porcelana de pasta dura, em 1708, conhecida como porcelana Meissen. Quando a corte portuguesa chegou ao Brasil, trouxe na bagagem aparelhos de jantar, de chá ou de café – todos franceses, de Sèvres e Limoges. Com a corte, vieram também os títulos nobiliárquicos. Esses títulos não eram hereditários e eram concedidos aos chamados homens bons, pessoas de elevada reputação, cuidadosamente escolhidas por atos prestados ou por ascendência familiar, especialmente os barões. Mais tarde, durante o império, os endinheirados passaram a receber esses títulos – os chamados "barões do café".



Credências

século XVIII, madeira entalhada e douramento, 86,5cm x 1,79m x 65cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Travessas do Serviço de mesa “Os Salgueiros”
final do século XVIII, porcelana

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Os portugueses foram pioneiros no comércio de porcelana chinesa no Ocidente, seguidos por ingleses, franceses e holandeses, que comercializavam o produto por meio da Companhia das Índias, dando origem à porcelana de mesmo nome, feita na China. Na segunda metade do século XVIII, um intenso mercado de importação e exportação foi estabelecido entre China, Europa, Américas e Japão. No Brasil, o uso da porcelana inicia-se no mesmo período, no Nordeste, com a importação de objetos europeus pelos ricos senhores de engenho, os quais encomendavam serviços de mesa. As paisagens em chinoiserie – à moda chinesa – na cerâmica azul e branca, com cenas e símbolos associados a lendas tradicionais, incluíam salgueiros, barcos e pagodes. Estas travessas fazem parte de um conjunto de mais de 100 peças.



Serviço de Chá e Café com Douração “œil de perdiz”
primeira metade do século XIX, porcelana francesa, Vieux Paris

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Os portugueses foram pioneiros no comércio de porcelana chinesa no Ocidente, seguidos por ingleses, franceses e holandeses, que comercializavam o produto por meio da Companhia das Índias, dando origem à porcelana de mesmo nome, feita na China. Na segunda metade do século XVIII, um intenso mercado de importação e exportação foi estabelecido entre China, Europa, Américas e Japão. No Brasil, o uso da porcelana inicia-se no mesmo período, no Nordeste, com a importação de objetos europeus pelos ricos senhores de engenho, os quais encomendavam serviços de mesa. As paisagens em chinoiserie – à moda chinesa – na cerâmica azul e branca, com cenas e símbolos associados a lendas tradicionais, incluíam salgueiros, barcos e pagodes. Estas travessas fazem parte de um conjunto de mais de 100 peças.





Âforas

século XVIII, porcelana de Sèvres e bronze, 1 m x 34cm x 34cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Tocheiros de Pé
século XVII, ferro batido, 1,38m

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Arca-banco

século XVIII, madeira entalhada, 87cm x 2,51m x 52cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Confessionário

século XVIII, madeira entalhada, 1,5m x 56cm x 56cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Confessionário

século XVIII, madeira entalhada e policromia, 1,37m x 60,5cm x 44,5cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Banco de Coro da Igreja

século XVIII, madeira entalhada e policromia, 1,54m x 1,77m x 56cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Nossa Senhora Aparecida
sem data, madeira entalhada, policromia e douramento, 71 cm x 32,5 cm x 18 cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo



Oratório da Paixão

século XVIII, jacarandá, policromia e douramento, 1,71 m x 1 m x 42 cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

1922



CANDIDO PORTINARI

Brodowski, SP, 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 1962

Tiradentes

1948, têmpera sobre tela, 18m x 3m

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Francisco Inácio Peixoto, dono de uma prodigiosa fábrica de tecidos em Cataguases, Minas Gerais – Mister Cataguases, para nós –, tinha boa formação cultural e porte intelectual: poeta, escritor e fazendeiro, cultuava a modernidade.

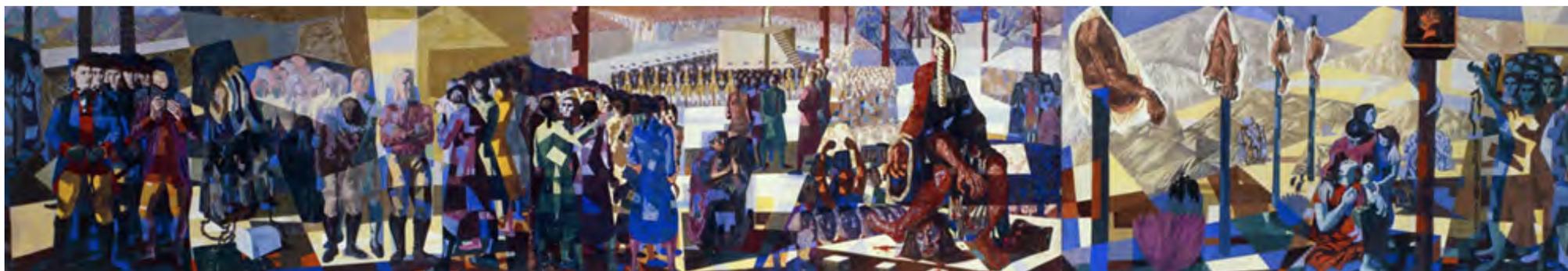
Nas idas ao Rio de Janeiro, conheceu Joaquim Tenreiro, marceneiro português de grande habilidade e competência, que trabalhava numa grande fábrica de móveis de estilo clássico. Mister Cataguases encomendou à Tenreiro uma cadeira, mas que fosse moderna. Foi a primeira cadeira moderna que Joaquim Tenreiro projetou e fabricou, e com ela deu início à construção de sua fama como um dos mais importantes designers de móveis do Brasil (não sabemos onde foi parar essa cadeira tão pioneira).

Um belo dia, Mister Cataguases confessou a Tenreiro que sonhava em construir uma escola em Cataguases e colocar sua pequena cidade na senda do moderno. “Você conhece algum arquiteto moderno?”, perguntou ao amigo. “Conheço, sim”, e apresentou Oscar Niemeyer a Peixoto.

A escola foi projetada e construída, e lá está, em Cataguases. Faltava ainda alguma coisa, e Mister perguntou a seus dois amigos, Niemeyer e Tenreiro, se conheciam um pintor moderno para elaborar um grande mural, tendo como tema a Inconfidência Mineira. “Sim conhecemos”, responderam. “Trata-se de Candido Portinari, já famoso por trabalhos expostos no Brasil e no estrangeiro”. E lá foi Portinari conhecer a escola e a cidade.

No entusiasmo que sentiam nossos artistas modernos e mais Mister Cataguases, alguém se lembrou de que o paisagismo, como arte que é, também deveria participar do ambiente novo criado em Cataguases no entorno da escola. Roberto Burle Marx foi convidado, e tratou de desenhar e especificar as plantas e formações mais adequadas para conviver com a escola, seus móveis e as pinturas dos painéis sobre Tiradentes e a Inconfidência.

Depois de tudo isso, Cataguases se tornou uma cidade moderna: edifícios públicos, residências, indústrias, tudo passou a ser feito em respeito aos cânones racionalistas, funcionalistas e até organicistas. Foi ele, pois, o Mister Cataguases, o responsável por convidar Portinari para elaborar esse painel que, de tão fantástico que ficou, assim que ficou pronto, fez uma escala no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, (MAM-RIO), antes de ir para Cataguases.



ANITA MALFATTI

São Paulo, SP, 1889 - São Paulo, SP, 1964

A Ventania

1915, óleo sobre tela, 74,5cm x 86,3

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

O primeiro impacto da revolução nas artes plásticas em São Paulo foi em 1917, quando Anita Malfatti expôs 53 pinturas que sinalizaram as primeiras polêmicas e debates entre a arte da velha estética da Academia e a proposta da arte que ela apresentou na “Exposição de Pintura Moderna” de 1917.

Uma dessas 53 obras foi *A Ventania*, que, pela sua própria nova forma de expressão, participou também da exposição da Semana de Arte Moderna de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo.

Depois de um período na Alemanha (1909-1914), onde aprendeu a linguagem expressionista, Anita foi aos Estados Unidos, em 1915, para um curso na escola de arte de Homer Boss, professor, artista e filósofo. Durante o verão desse mesmo ano, Anita vai ao Maine com os colegas artistas, e, na ilha de Monhegan, provavelmente pinta *A Ventania*, com pinceladas largas de cores que definem as formas e o movimento. Pintar com liberdade o que Anita via, é a impressão que se tem dessa obra tão criticada pelo escritor Monteiro Lobato na exposição de 1917, em São Paulo.



TARSILA DO AMARAL

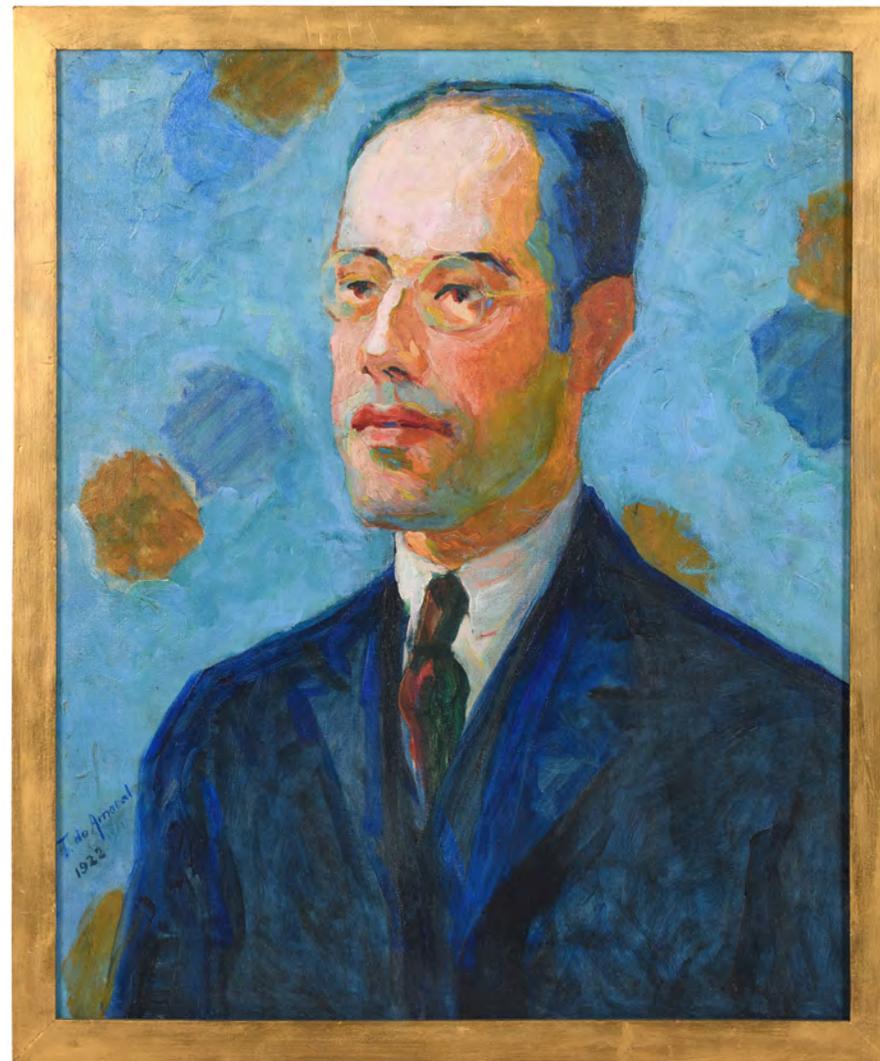
Capivari, SP, 1886 – São Paulo, SP, 1973

Retrato de Mário de Andrade

1922, óleo sobre tela, 53,5cm x 46,5cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Um dos principais ideólogos do movimento modernista brasileiro e um dos articuladores da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade foi retratado por muitos artistas da época, como Anita Malfatti, Candido Portinari, Bruno Giorgi, Lasar Segall e pela própria Tarsila, nesta obra de 1922. Seu livro *Pauliceia Desvairada* revolucionou a poesia brasileira com a métrica modernista. Mário foi crítico de literatura e de arte, cronista, fotógrafo, musicólogo e pesquisador do folclore brasileiro, além de poeta e romancista. Em 1924, com Tarsila, Oswald e o escritor francês Blaise Cendrars, visitou Minas Gerais, em uma viagem que se tornou lendária para o Modernismo brasileiro, pois lá redescobriram o Barroco como uma manifestação legítima das raízes locais, trazendo-lhe às mais modernas discussões sobre o nacional. Mário realizou ainda viagens para as regiões Norte e Nordeste do Brasil, estudando a música, o folclore e a cultura do país. Em 1936, ele redigiu o anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).



ISMAEL NERY

Belém, PA, 1900 – Rio de Janeiro, RJ, 1934

Retrato de Adalgisa Nery

1930, óleo sobre cartão, 76,5cm x 66,5cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A obra do pintor paraense Ismael Nery é marcada pelas sobreposições de personagens e a fusão do masculino com o feminino. Em muitos de seus quadros, o interior do personagem é exteriorizado e o artista captura flagrantes emocionais, como no retrato de sua esposa e grande poetisa brasileira, Adalgisa Nery. Este retrato foi pintado em 1930, quando Ismael já havia sido diagnosticado com tuberculose, doença que levaria sua vida em 1934, com apenas 33 anos. O rosto pálido e a forma vermelha no peito da retratada, semelhante a um coração ou pulmão, podem ser reflexos da doença do pintor, numa sobreposição de seu corpo doente com o da esposa. A pintura tem forte influência da obra do artista Marc Chagall (1887-1985) e do manifesto surrealista de André Breton (1896-1966), personalidades que Nery conheceu na Europa no final da década de 1920.



FLÁVIO DE CARVALHO

Amparo da Barra Mansa, RJ, 1899 – Valinhos, SP, 1973

Retrato de Anna Maria Fiocca

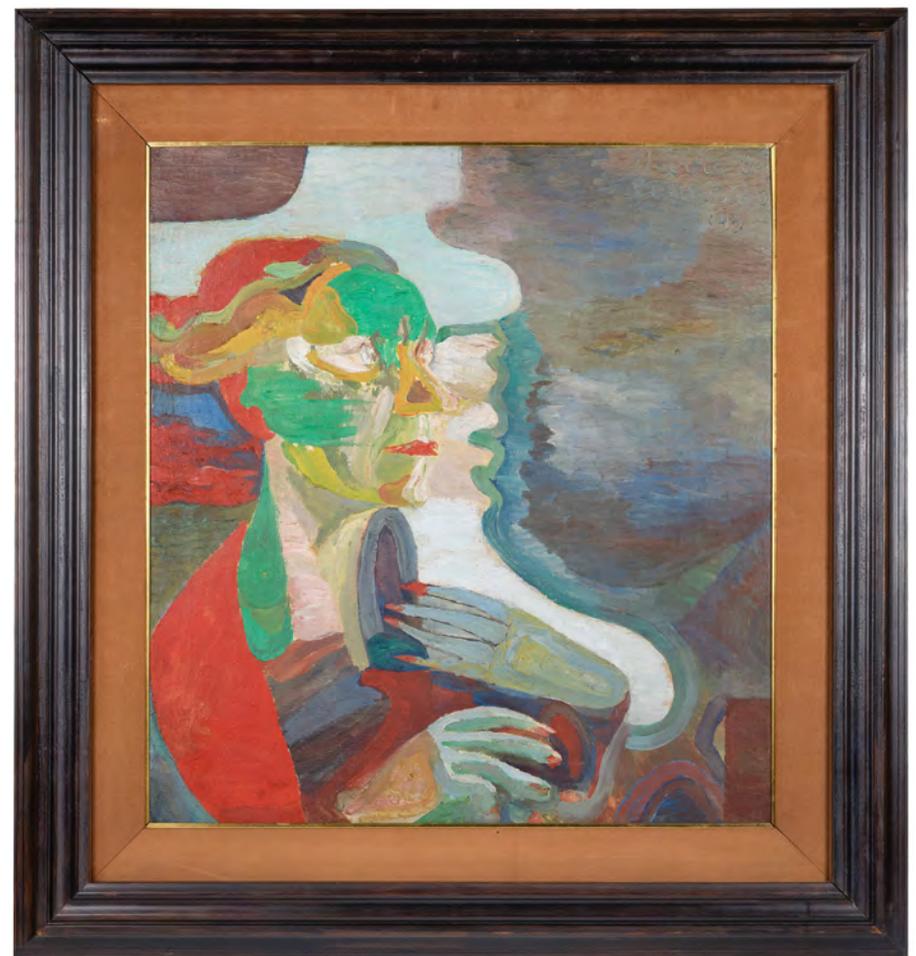
1951, óleo sobre tela, 98cm x 93cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A imigrante italiana Anna Maria Fiocca (1913-1994) foi marchand, junto com seu marido, Pasquale, na Galeria Domus, fundada em 1947, sendo a primeira a representar artistas modernos em São Paulo. O local virou referência no meio cultural da cidade, tornando-se um ponto de encontro de artistas, colecionadores e intelectuais. Em 1951, o ano desta obra e da I Bienal de Internacional do Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Galeria Domus fez uma exposição individual de Flávio de Carvalho com um panorama da obra do artista. Após uma fase influenciada pelo retorno à ordem da geração de 1930, Flávio voltava sua produção à abstração de forte influência expressionista. Interessado nas motivações profundas do ser humano, faz uso de deformações em pinceladas e cores que constroem uma representação emocional do personagem, como nesta pintura, em que Carvalho ressaltou a força e o vigor da retratada.

"[...] O que me interessa no retrato é a expressão fundamental do modelo. A expressão de uma pessoa muda completamente conforme a hora e o dia: portanto, trata-se de encontrar a expressão fundamental, esse algo que a pessoa tem, mas que é percebido por poucos [...]".

Flávio de Carvalho



NICOLA PETTI

Rio Claro, SP, 1904 – São Paulo, SP, 1984

Capela de Santo Antônio

década de 1940, óleo sobre tela, 90cm x 1,1m

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A Capela de Santo Antônio, tema desta obra do pintor Nicola Petti, faz parte de uma fazenda no município de São Roque, antiga propriedade do bandeirante Fernão Pais de Barros e posteriormente comprada pelo Barão de Piratininga, que impediu que a propriedade fosse vendida e desmembrada por agricultores espanhóis. O "Oratório", que posteriormente se tornou uma capela, começou a ser construído em 1681. A capela possui torre, alpendre e um belo trabalho em madeira treliçada na entrada. Em seu interior se sobressaem o púlpito, retábulos em madeira esculpida em baixos relevos e as pinturas dos tetos da nave e capela-mor. Em 1941, Mário de Andrade adquiriu o Sítio Santo Antônio e sua capela, doando a propriedade ao Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o intuito de restaurá-la para que se tornasse um refúgio de artistas. Atualmente, está restaurado e aberto à visitação pública.



REGINA GOMIDE GRAZ

Itapetininga, SP, 1897 – São Paulo, SP, 1973

Composição com Figuras

1925, patchwork em feltro, seda e lã, 1,88m x 1,43cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Do interior de São Paulo – da cidade de Itapetinga –, em 1897, sua família mudou-se para Suíça, onde ingressou na Escola de Belas Artes de Genebra com seus irmãos, Antônio, Beatriz e Maria Amélia, e seu futuro marido, John Graz. A família Gomide se restabeleceu em São Paulo em 1919. Após seu casamento com Graz, em 1920, Regina abriu um ateliê em que orientou suas alunas em trabalhos têxteis e dedicou-se aos projetos decorativos de autoria do casal para as casas da elite paulista da primeira metade do século XX, em parceria com seu irmão, Antônio Gomide, e seu marido, John Graz. Nesses projetos, cabia à artista o trabalho de estofados, tapetes, cortinas e papéis de parede. Essas criações são um raro testemunho de sua posição igualitária como artista moderna no cenário brasileiro e como pioneira no campo têxtil. As criações, de forte cunho geométrico, sempre pensados em diálogo com a arquitetura, pintura e escultura, compoem ambientes planejados, introduzem o estilo art déco no Brasil.



DI CAVALCANTI

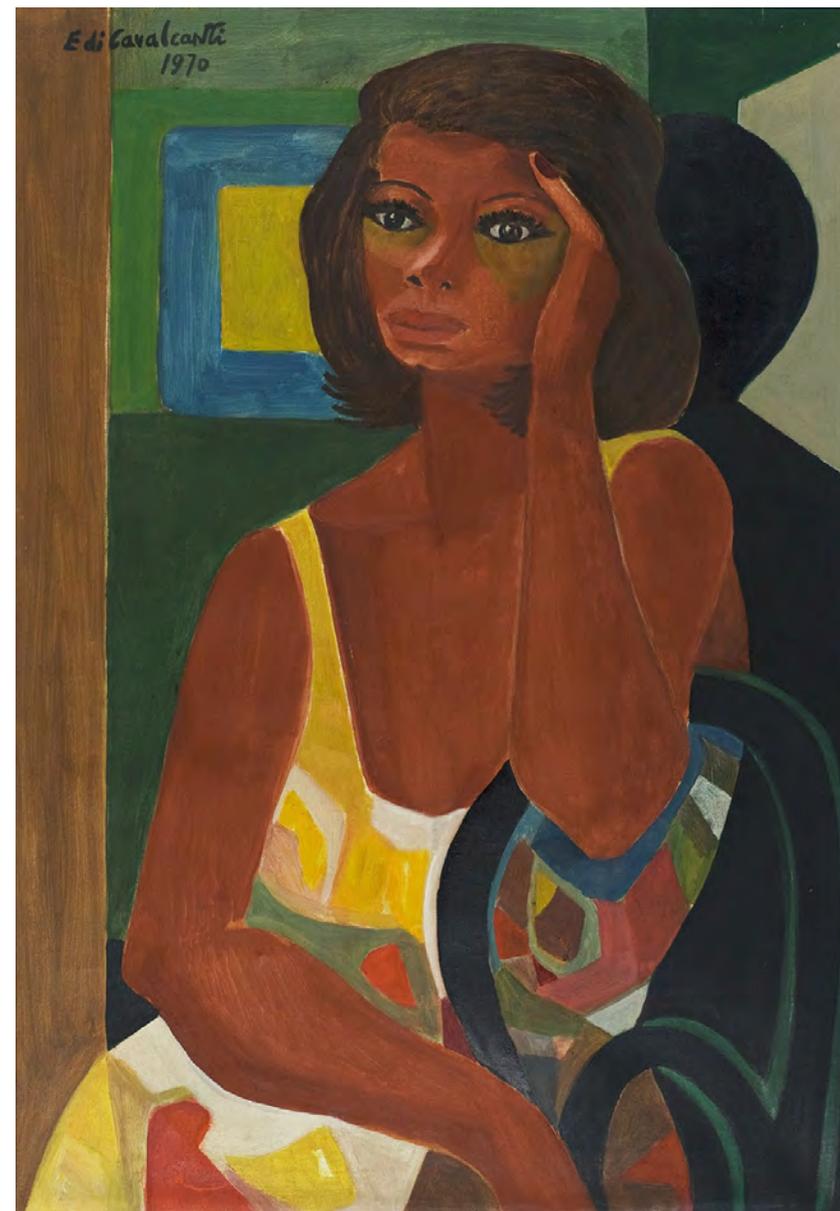
Rio de Janeiro, RJ, 1897 – Rio de Janeiro, RJ, 1976

Mulata na Cadeira

1970, óleo sobre tela, 91 cm x 63cm

Coleção Santander Brasil

Nos anos de 1970, Di Cavalcanti assumiu a alcunha de “pintor das mulatas”, adotando uma fórmula para atender o mercado de arte moderna, que na época começava a valorizar no mercado de arte. De praxe, suas pinturas do período, como esta obra, trazem uma figura feminina sentada, com as pernas cruzadas, diante de uma janela ou de um fundo geométrico. Naquele momento em que a produção modernista começava a ser reexaminada, na contracorrente, Di reforçou suas preferências temáticas, mantendo o discurso vinculado à noção de identidade nacional, a partir de seus personagens e cenas do cotidiano popular carioca, além das obras que tinham o trabalho como tema. Para o artista a mulata era mais do que um motivo poético, era o símbolo de um Brasil carregado de história, figuras expressivas e cores, dando voz à afirmação de Mário de Andrade: “Di Cavalcanti, mulatista-mor da pintura”.



PAULO ROSSI OSIR

São Paulo, SP, 1890 – São Paulo, SP, 1959

Mulher com Gato

década de 1940, óleo sobre tela, 88cm x 77cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Paulo Cláudio Rossi Osir foi pintor, desenhista e arquiteto, tendo começado a pintar com seu pai, o arquiteto Cláudio Rossi, decorador do Palácio dos Campos Elíseos. Foi também um importante incentivador do cenário artístico brasileiro. Em São Paulo, participou da fundação de importantes agremiações artísticas como a Sociedade Pró-Arte Moderna, a Família Artística Paulista e o Grupo Santa Helena. Sua pintura se aproxima do fenômeno conhecido como "retorno à ordem", uma reação às experimentações artísticas das vanguardas, especialmente na Europa do entreguerras, a partir da retomada da estética realista, da volta à tradição e aos valores culturais nacionais. Com representações mais figurativas, Rossi Osir, um dos principais adeptos do "retorno à ordem" no Brasil, aborda recorrentemente o feminino com sintetização de formas e interesse cromático, como nesta obra, em que retrata a beleza da mulher negra brasileira, com ar altivo e postura imponente.



ALDO BONADEI

São Paulo, SP, 1906 – São Paulo, SP, 1974

Casario

1968, óleo sobre tela, 77cm x 56cm

Coleção Santander Brasil

Na década de 1920, Aldo Bonadei estudou pintura na Academia de Belas-Artes de Florença. Nos anos 1930, em São Paulo, fazendo parte do Grupo Santa Helena, conviveu com os artistas chamados por Mário de Andrade de "artistas proletários", pois, tendo outras profissões, reuniam-se para pintar em dias de folga e fins de semana. Assim, a pintura de Bonadei mesclou referências acadêmicas com influências de seus colegas do Santa Helena. Em contato com as tendências abstratas que se consolidavam no Brasil durante a segunda metade do século XX, nesta tela, Bonadei organiza o espaço de maneira espontânea, dispondo os planos fragmentados e demarcados por linhas escuras entre os elementos coloridos. No registro da metrópole que se transformava, Bonadei articulou o figurativismo com as influências de outros movimentos artísticos no interesse pelo cromatismo e a geometrização da forma.



FRANCISCO REBOLO

São Paulo, SP, 1902 – São Paulo, SP, 1980

Paisagem

1978, óleo sobre tela, 68cm x 79,5cm

Coleção Santander Brasil

Francisco Rebolo integrou uma geração de artistas que iniciou a trajetória profissional nas artes e ofícios. A partir dos anos 1930, a pintura de cavalete começou a ter importância na vida do artista. Nessa época, convidou Mario Zanini para compartilhar um ateliê no antigo Palacete Santa Helena, localizado na Praça da Sé, em São Paulo, agregando posteriormente outros artistas – como Pennacchi, Bonadei, Graciano e Volpi –, onde aprimoraram suas técnicas em sessões de modelo-vivo e trocaram conhecimentos. O grupo ficou conhecido como Grupo Santa Helena, documentando a transformação urbana de São Paulo. Nesta tela, do final de sua carreira, Rebolo destaca a natureza em primeiro plano e no verde predominante, deixando as casas para o fundo em uma reflexão sobre a existência e o mundo que o envolve. Para o artista, não se trata de se afastar da sociedade urbana, mas de repensar o modo de vida contemporâneo.



MADELEINE COLAÇO

Tanger, Marrocos, 1907 – Rio de Janeiro, RJ, 2001

Pássaros e Palmeiras

sem data, lã sobre talagarça, 1,27m x 2,24m

Coleção Santander Brasil

Madeleine Colaço, como seu bisavô, era tapeceira. Francesa naturalizada brasileira, estudou tapeçaria no Marrocos, França, Inglaterra e Portugal. No Brasil, as paisagens, a fauna e a flora lhe encantaram, misturando em seus trabalhos o estilo barroco e tecidos diversos como o algodão, a seda, a lã e os fios metálicos. Criou um ponto chamado “ponto brasileiro” – segundo a artista “um samba em feito de bordado” – que ficou registrado no Centre International de la Tapisserie, em Laussane, na Suíça, técnica multicultural colorida e de desenho sofisticado. Sua arte é tropical e exuberante.



HISAMATSU MITAKE

Nagazaki, Japão, 1916 – São Paulo, SP, 2015

Fazenda

1974, óleo sobre tela, 89cm x 69cm

Coleção Santander Brasil

Atualmente, o Brasil abriga a maior população de origem japonesa fora do Japão. Especialmente em São Paulo, os primeiros japoneses chegaram em 1908, em busca de oportunidades de trabalho, inicialmente nas fazendas de café e, posteriormente, nas plantações de algodão, no oeste paulista. Milhares de famílias trouxeram para o estado suas tradições e, aos poucos, foram prosperando, propagando sua cultura milenar e recriando seus costumes. As pinturas de Hisamatsu Mitake retratam o interior paulista e o cotidiano rural desses imigrantes em um colorido vibrante. Em sua juventude, o pintor japonês, trabalhou nos cafezais do interior paulista. Aprendeu a pintar com um francês, colega de cela quando esteve preso, provavelmente por falar seu idioma nativo em público, ato proibido durante a ditadura de Getúlio Vargas, que ingressou na II Guerra Mundial lutando contra o Eixo, do qual o Japão fazia parte.



JOSÉ CLAUDIO DA SILVA

Ipojuca, PE, 1932

Sem título

1990, óleo sobre madeira aglomerada, 82,2cm x 1,21m

Coleção Santander Brasil

José Cláudio da Silva é um dos pintores que interpreta com muita autenticidade a exuberância da paisagem tropical brasileira. Em 1975, Silva faz uma viagem ao Amazonas, convidado pelo zoólogo e músico Paulo Vanzolini (1924-2013), viagem esta que, segundo ele, mudou sua vida. O artista passou a pintar por encomenda o que os clientes queriam ver. Até hoje, completando em 2022 os seus 90 anos, José Cláudio continua pintando todos os dias em seu ateliê em Olinda, em Pernambuco. A composição desta pintura é bastante marcada pela paisagem nordestina. O mar azul ao fundo, os lilases e os coqueiros em primeiro plano fazem parte de uma paleta que se diferencia de muitas de suas obras.



ROBERTO BURLE MARX

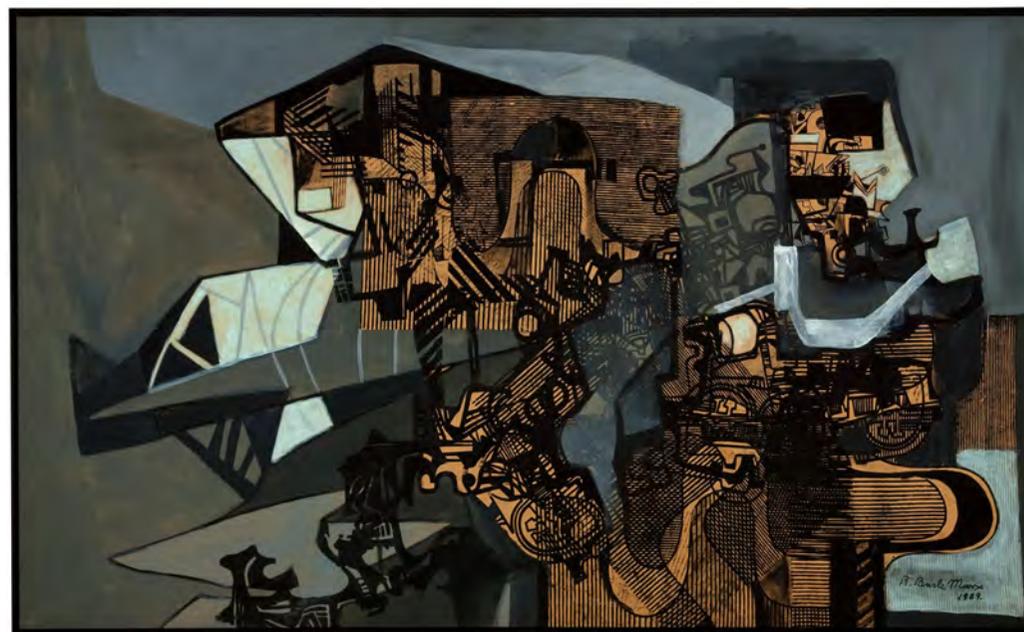
São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994

Composição

1989, acrílica sobre tela, 98,7cm x 1,62m

Coleção Santander Brasil

O paisagista Roberto Burle Marx foi também reconhecido pintor. Suas telas, de caráter abstrato, são marcadas pela presença de formas geométricas livres, com traços sinuosos, inspirados nos contornos da natureza. A cor é elemento estrutural na obra do artista, na qual predominam azuis, verdes e os tons terrosos. O uso do nanquim, seja concentrado ou nas suas graduações, delimita os espaços e contorna as áreas de cor, dando maior complexidade às pinturas do ecologista. Em 2021, a antiga residência e laboratório paisagístico do artista, localizado em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, foi escolhido como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O Sítio Roberto Burle Marx é aberto à visitação pública reunindo as obras do artista, sua casa e ateliê, além das coleções de arte e plantas tropicais e subtropicais que o inspiraram.



CLAUDIO TOZZI

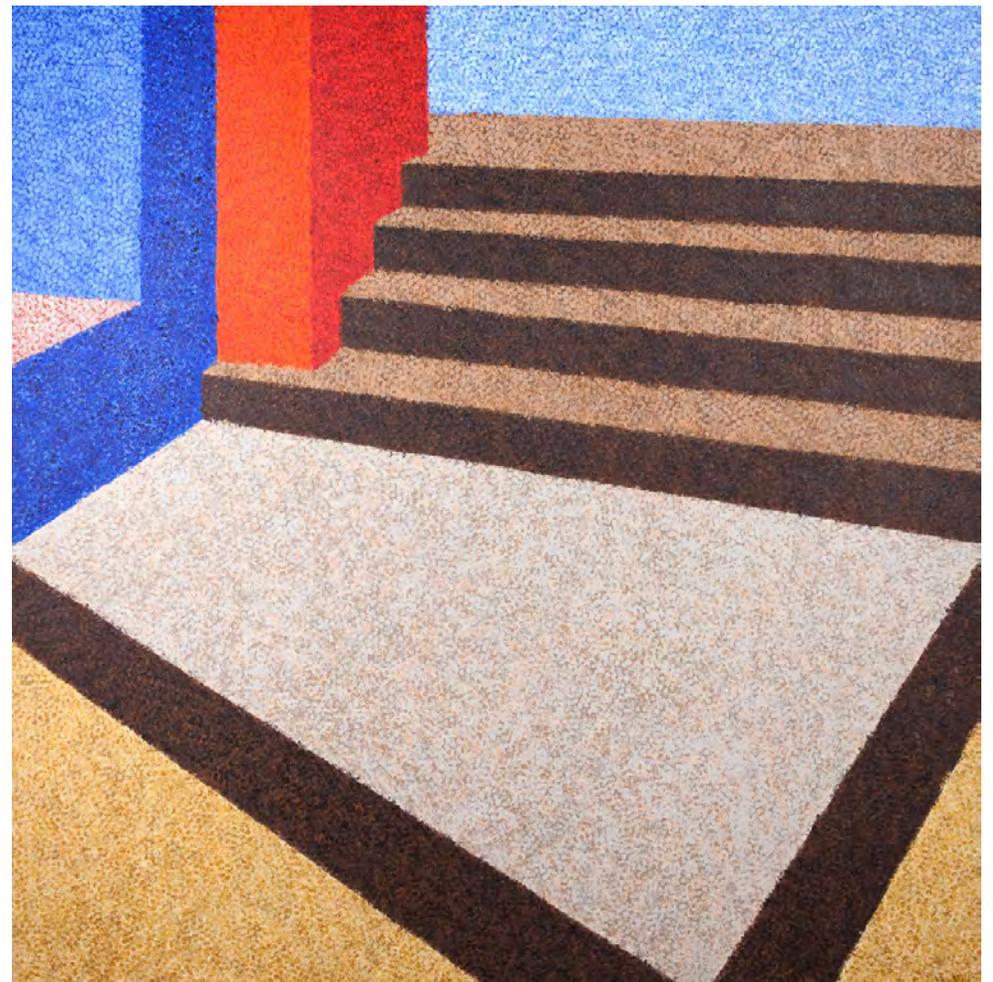
São Paulo, SP, 1944

Escada

1994, acrílica sobre tela, 1,41 m x 1,41 m

Coleção Santander Brasil

O artista Cláudio Tozzi é arquiteto, pintor e desenhista. Sua obra é construtivista e tem uma visualidade gráfica, provavelmente por suas primeiras referências, ao criar cartazes e colagens. Na década de 1960, Tozzi criou algumas obras de cunho crítico e político e, nos anos 1970, as influências do pop art estimulam seus estudos com a cor. Trabalhou também com temas figurativos, e é um artista voltado para arte pública, tendo trabalhos em muitos espaços da cidade de São Paulo. Escada é uma obra da série Passagens, em que os componentes e elementos arquitetônicos se aliam, em uma estética concretista.



HÉRCULES BARSOTTI

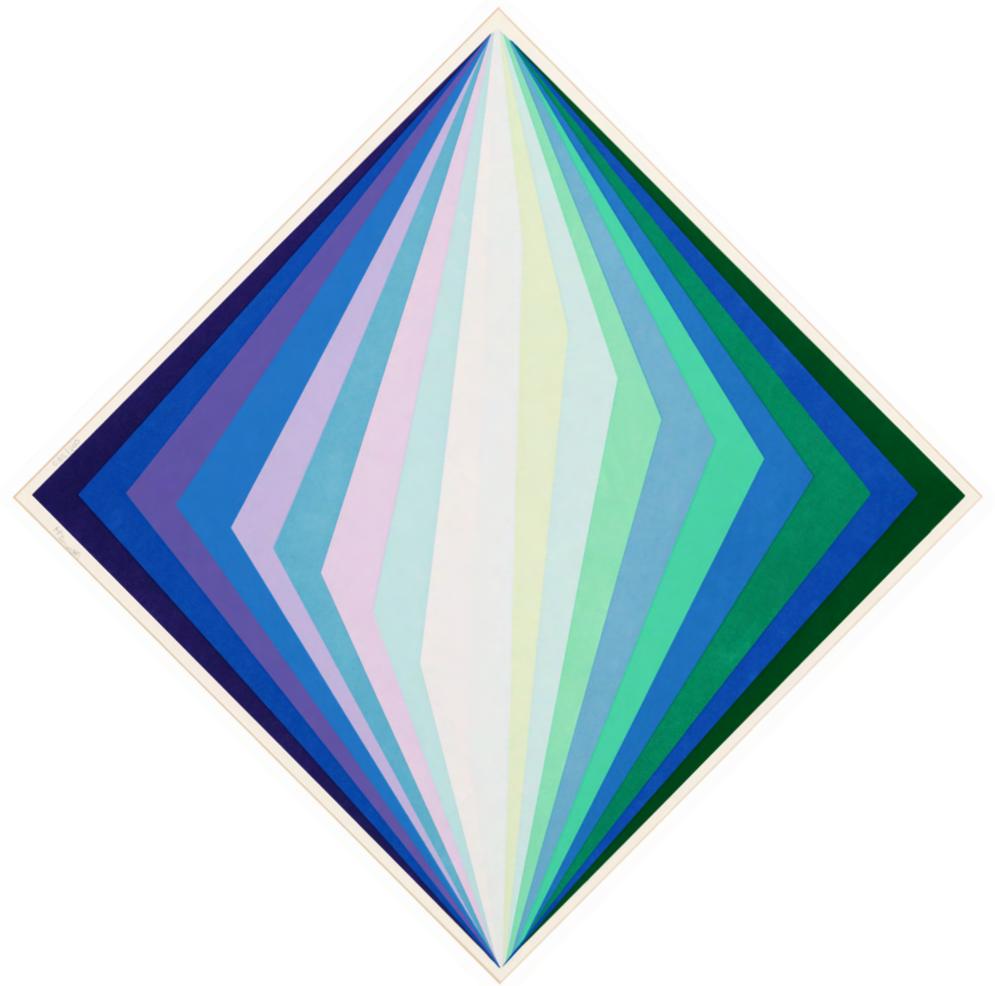
São Paulo, SP, 1914 – São Paulo, SP, 2010

Sem título

sem data, serigrafia colorida sobre papel, 50,5cm x 50,5cm

Coleção Santander Brasil

Artista atuante nas décadas de 1950 e 1960, Hércules Barsotti foi um dos seguidores da abstração geométrica. Em 1954, fundou em São Paulo, com o contemporâneo Willys de Castro (1926-1988), um estúdio de projetos gráficos, onde desenvolveu a pesquisa no desenho e na pintura. Em 1960, aprofunda-se na arte cinética e integra o grupo neoconcreto. A estrutura cromática triangular em sua obra dá a impressão de movimento. O artista parte do preto e branco para tonalidades graduais, como nesta pintura de tons azulados.



IVAN SERPA

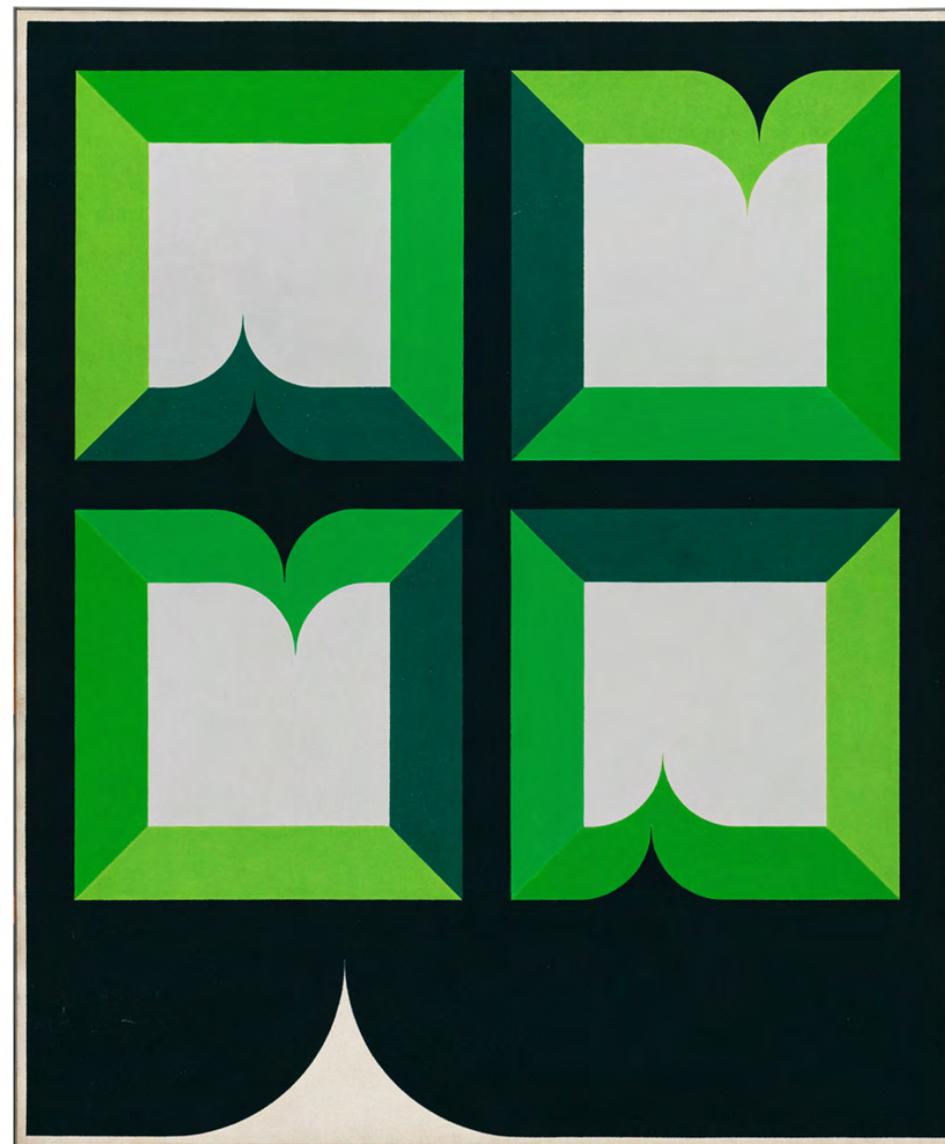
Rio de Janeiro, RJ, 1923 – Rio de Janeiro, RJ, 1973

Série Amazônica nº 12

1968, óleo sobre tela, 1,16m x 97,3cm

Coleção Santander Brasil

Ivan Serpa possui obras de caráter abstrato e geométrico. Líder do Grupo Frente, coletivo formado por artistas em sua maioria concretistas, criado em 1954, preocupa-se com a modernização do país e seu cenário político. Trabalha a estrutura da composição, as cores e as formas dos elementos, aventurando-se até com a ilusão de ótica. Amazônica foi uma de suas últimas séries, na qual tentou representar, de forma lúdica e crítica, um registro do Brasil naquele momento.



ANTONIO HENRIQUE AMARAL

São Paulo, SP, 1935 – São Paulo, SP, 2015

Stone & Window

1991, óleo sobre tela, 1,30m x 1,30m

Coleção Santander Brasil

Antonio Henrique Amaral começou a se interessar pela arte com a xilogravura – processo de impressão a partir da gravação da imagem em uma placa de madeira –, influenciado pela pop art estadunidense. Em suas produções, usou elementos do cotidiano. Como outros artistas da época, sofreu as pressões e os conflitos do Regime Militar. Nos anos de 1960 e 1970, a série Brasileira é a própria busca da identidade brasileira, por meio de símbolos como as bananas e os canaviais, obras críticas ao próprio regime político. De forma construtiva, mas também surrealista, a pintura Stone & Window é uma janela com vista à uma paisagem onírica.



CÍCERO DIAS

Escada, PE, 1907 – Paris, França, 2003

Rio de Janeiro

1930, nanquim e aquarela, 75cm x 57,5cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Cícero Dias, que estudou um período na Escola Nacional de Belas Artes, viveu no Rio de Janeiro no final da década de 1930, convivendo com Mário de Andrade, que considerou a produção em aquarela do artista uma das contribuições mais originais para a arte moderna do período. Esta pintura é da época da estadia de Cícero na cidade maravilhosa. Ela retrata um casal observando o Rio de Janeiro por entre um muro, com clássicas balaustradas, o fervor da cidade mesclando-se ao clima festivo de um dia ensolarado de ida à praia: agressivo, caótico, sensual, onírico e poético, como o melhor da produção do artista pernambucano.



KENNEDY BAHIA

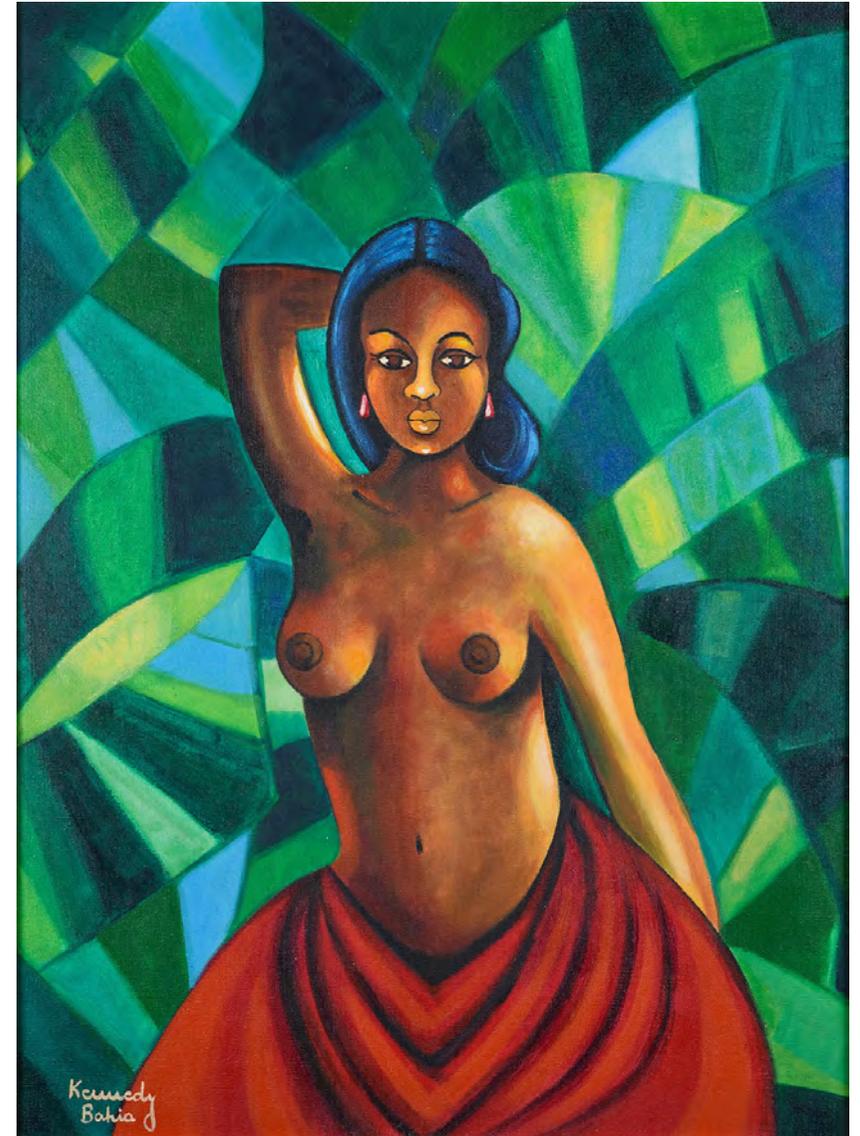
Valparaíso, Chile, 1929

Sem título

sem data, óleo sobre tela, 98,2cm x 79cm

Coleção particular

Kennedy Bahia, artista plástico nascido no Chile e radicado na Bahia, foi amigo de autores como Jorge Amado e do pintor Carybé, e um dos maiores entusiastas da cultura baiana. Foi contemporâneo de intelectuais e artistas do modernismo da Bahia dos anos 1940 a 1960, responsáveis por criar uma atmosfera de modernidade, frente ao passado acadêmico do estado. Kennedy Bahia ficou conhecido por suas tapeçarias de colorido irreverente, com foco na diversidade da fauna e flora brasileira, e suas pinturas contribuíram para a ressignificação da figura do negro na arte nacional.



CARYBÉ

Buenos Aires, Argentina, 1911 – Salvador, BA, 1997

Fauna, Flora e Nativos Brasileiros
1953, óleo sobre madeira, 1,81m x 1,51m

Coleção Santander Brasil

O artista argentino Carybé conheceu o Brasil no início da década de 1940, quando realizou viagem por países da América do Sul. Após um período no Rio de Janeiro, estabeleceu-se definitivamente em Salvador, na década de 1950. Era fascinado pelos costumes, as crenças e o cotidiano das pessoas simples da Bahia, e fez deles personagens de suas obras. Tanta era sua paixão pelo país que, em 1957, naturalizou-se brasileiro. Nesta obra, o artista dedica-se à pintura histórica. Seu colorido vibrante faz uma interpretação dos animais, da natureza e dos costumes dos povos originários do Brasil. Artista multifacetado, Carybé produziu pinturas, desenhos, esculturas, talhas e cerâmicas. Ilustrou livros de diversos autores como – Gabriel García Márquez, Pierre Verger, Jorge Amado e Mário de Andrade – tendo ele mesmo traduzido Macunaíma para o espanhol, em 1943.



MÁRCIO SCAVONE

São Paulo, SP, 1952

Pelé, Invictus

2000, pigmento sobre papel, 91 cm x 89cm

Coleção do artista

"O futebol nunca foi o meu esporte.

Fui uma daquelas crianças que, na escola, às segundas-feiras, não tinha o assunto certo. Nem na padaria de manhã, onde todos falavam de futebol, eu sabia quem tinha jogado.

Mas havia uma paixão secreta.

Um rei em formação – sorriso aberto e muito jovem, em paz com as câmeras – chamava sempre atenção, brilhava, reinventava a bicicleta e segurava a camisa do adversário pela pontinha com tanta delicadeza, que parecia dançar. Ele era um vencedor, e crianças gostam de vencedores. Em 1962, eu tinha 10 anos; 10 era a nota mais alta da escola e o número mágico nas costas do meu herói. O Santos, o seu clube, me fazia sorrir, porque vencio sempre, e seria assim por mais uma década. Naquele ano, seu time ganhou todos os títulos possíveis – e ele, a Copa do Mundo.

Quando, em 2000, fui fazer seu retrato, foi o menino que fotografou o seu ídolo de infância."

Márcio Scavone



VICENTE DO REGO MONTEIRO

Recife, PE, 1899 - Recife, PE, 1970

Natureza-Morta

1969, óleo sobre madeira, 76cm x 67cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Vicente do Rego Monteiro iniciou sua formação artística entre o Rio de Janeiro e Paris na década de 1910, e ficou conhecido pelo uso de elementos nacionais em suas pinturas e por seus múltiplos interesses, que se fazem notar nesta obra. A dança e a música estão representadas pelo cavaquinho. Vicente estudou a arte marajoara, que pode ser notada na ornamentação da cerâmica que aparece e no símbolo no cinzeiro. A caneta tinteiro e o lápis, podem se referir tanto ao desenho, como também à poesia e à docência. O baralho com o ás de copas pode remeter à boemia dos botecos, representados por uma mesa com música e cachaça. Esta, em cujo rótulo está o título e o ano da obra, remete às cachaças artesanais produzidas pelo artista, como é o caso da Caninha Cristal e a Gravatá, mencionadas por João Cabral de Melo Neto no livro *Morte e Vida Severina*, e em poesia dedicada a seu amigo Vicente.



VICTOR BRECHERET

Farnese, Itália, 1894 – São Paulo, SP, 1955

Bailarina

1925, bronze, 79cm x 22cm x 30cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A bailarina de Victor Brecheret recupera o tema clássico da dança na escultura, trabalhado repetidamente pelos artistas desde o século XIX em estudos do movimento enquanto forma. As linhas limpas e os volumes cilíndricos, característicos do art déco, fornecem à figura feminina uma leveza, acentuada pela ausência de braços em referência aos ideais de escultura clássica. Durante os anos 1920, Brecheret residiu no bairro parisiense de Montparnasse, onde vivenciou a dança nos bailes de rua, nos cabarés e ballets. O tema captou o interesse do artista, que desenvolveu uma série de dançarinas em formas geométricas e em posições que, por vezes, parecem desafiar os limites do equilíbrio. O brilho dos materiais e a sutileza das formas que emanam dos trabalhos do escultor no período possibilitaram o reconhecimento público de Brecheret no cenário artístico parisiense.



GALILEO EMENDABILI

Ancona, Itália, 1898 – São Paulo, SP, 1974

Cabeça de Donzela

sem data, bronze, 38cm x 20cm x 24cm

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

O italiano Galileo Emendabili mudou-se para o Brasil em 1923, fixando-se em São Paulo, onde trabalhou como entalhador no Liceu de Artes e Ofícios. No ano seguinte, montou seu próprio ateliê e participou de concursos para a execução dos monumentos públicos. É de sua autoria o Monumento-Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932, no Parque Ibirapuera, inaugurado por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Na Itália, realizou diversos trabalhos de arte monumental e tumular, tendência que trouxe para São Paulo. O tratamento plástico de suas figuras evidencia o viés clássico de sua obra, como em Cabeça de Donzela, em que tais influências se misturam às correntes modernas, revelando uma aproximação com o art déco no uso do bronze polido, o qual fornece luminosidade à escultura. Segundo Fiammetta Emendabili, filha do artista, essa obra provavelmente seria uma representação de Vênus, a deusa da beleza e do amor.



ÉMILE GALLÉ

Nancy, França, 1846 – Nancy, França, 1904

Conjunto de vasos
século XIX, vidro soprado

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Émile Gallé, vitralista e ebanista francês, foi um dos expoentes do art nouveau. O estilo, que teve seu apogeu entre 1880 e 1920, é marcado pelo uso de formas orgânicas, linhas sinuosas e assimétricas, e o uso de materiais industriais. Gallé trabalhou com vidros opacos e semitransparentes, ganhando fama internacional pelos motivos florais. A principal temática de suas obras são flores e folhagens, realizadas em camadas sobrepostas de vidro, técnica por ele desenvolvida, trabalhando com maestria a opacidade e a translucidez do material. Uma produção de fins de século XIX e início do século XX traz especificamente paisagens tropicais, inspiradas no Rio de Janeiro. No Brasil, o art nouveau esteve presente especialmente na arquitetura do Rio de Janeiro, de São Paulo, Manaus e Belém do Pará, financiado pelas economias do café e da borracha e a burguesia local, que possibilitaram a importação da corrente europeia.



Capitão e Sete Macacos
sem data, barro modelado e pintado

Coleção particular

Em busca das raízes da identidade nacional, o Modernismo intensificou o processo de valorização do artesanato popular. Esculturas de barro e madeira, imagens de santos, objetos de diversas religiões, ex-votos e utilitários do povo brasileiro passaram a ser vistos como precursores do design nacional, em exposições de arte nos anos 1950 e 1960. O artesanato nordestino, em especial, teve destaque como síntese de uma arte miscigenada com influências das culturas africanas, indígenas e dos colonizadores portugueses e holandeses. Na escultura, geralmente de pequenas dimensões e em barro colorido, este artesanato retrata personagens, cenas cotidianas ou histórias do interior do Brasil. Em Capitão e Sete Macacos aparece uma milícia, com o líder a cavalo e seus sete volantes, soldados que foram denominados pelos cangaceiros de "macacos", devido a seus uniformes marrons e sua vontade de obedecer a ordens.



2022



FLÁVIA METZLER

Rio de Janeiro, RJ, 1974

Lackkabinett

2010, óleo sobre madeira, 50cm x 60cm

Coleção Santander Brasil



MANEZINHO ARAÚJO

Cabo de Santo Agostinho, PE, 1910 – São Paulo, SP, 1993

Fiel Companheiro

1974, óleo sobre tela, 77,8cm x 97,6cm

Coleção Santander Brasil



JOSÉ ROBERTO AGUILAR
São Paulo, SP, 1941

A Noite da Antropofagia
1995, óleo sobre tela, 2m x 2,11m

Coleção Santander Brasil



ÉLLE DE BERNARDINI

Itaqui, RS, 1991

Há Sangue no Rosto da Imperatriz

2017, pigmento mineral sobre papel algodão, 62,5cm x 82,8cm

Coleção Santander Brasil



TUCA REINÉS
São Paulo, SP, 1956

Cena

2009, fotografia colorida sobre papel, 80cm x 1,1m

Coleção Santander Brasil



RANCHINHO

Oscar Bressane, SP, 1923 – Assis, SP, 2003

○ Circo

1988, óleo sobre tela colada sobre Eucatex, 45,5cm x 66cm

Coleção Santander Brasil



LUIZ BRAGA
Belém, PA, 1956

Circo
2008, pigmento sobre papel fotográfico de algodão, 70cm x 1m

Coleção Santander Brasil



AGOSTINHO BATISTA DE FREITAS

Paulínia, SP, 1927 – São Paulo, SP, 1997

Parque de Diversões

1969, óleo sobre tela, 61,8cm x 1 m

Coleção Santander Brasil



WALTER FIRMO

Rio de Janeiro, RJ, 1937

Viva Volpi!

sem data, fotografia colorida sobre papel, 56cm x 71 cm

Coleção Santander Brasil



MÁRIO GRUBER
Santos, SP, 1927 – Cotia, SP, 2011

Epigonos nº 1
1972, óleo sobre tela, 1,1 m x 90 cm

Coleção Santander Brasil



FLAVIA K E SERGIO FREE
Feira de Santana, BA, 1975

Rua Piolin

2021, tinta acrílica e canetas marcadoras sobre fotografia impressa em papel Hahnemühle 308g
80cm x 1,3m

Coleção da artista



FLAVIA K

Feira de Santana, BA, 1975

Diálogo Permanente

2021, fotografia sobre papel Hahnemuhle 308 g, 80cm x 1,3m

Coleção da artista





CLAUDIA JAGUARIBE

Rio de Janeiro, RJ, 1955

Rodando a Baiana, Rio de Janeiro

2000, fotografia colorida sobre papel, 71 cm x 56cm

Coleção Santander Brasil

VÂNIA TOLEDO

Paracatu/MG, 1945 – São Paulo/SP, 2020

Beatriz Segall - Joana D'Arc, 1992

Fotografia preto e branco sobre papel, 42cm x 55cm

Coleção Santander Brasil



RENATA DE BONIS

São Paulo, SP, 1984

Howling for You

2012, óleo e cera sobre tela, 1,51 m x 2m

Coleção Santander Brasil



FERNANDA RAPP
Campinas, SP, 1981

Sem título

2009, impressão fotográfica sobre papel de algodão, 60cm x 1m

Coleção Santander Brasil



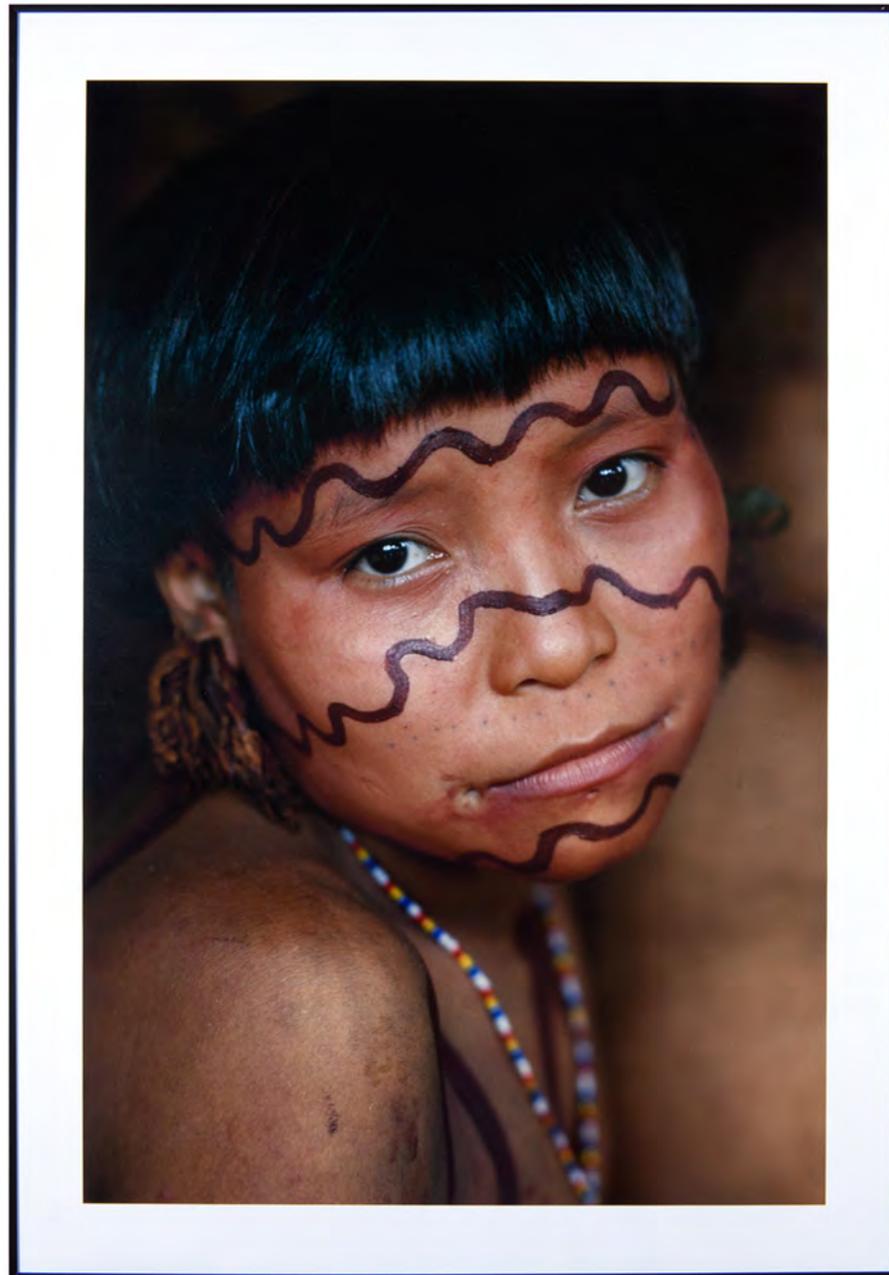
VALDIR CRUZ

Guarapuava, PR, 1954

Yanomami Young Woman

Série Yanomami Amazonas – Venezuela
1997, pigmento sobre papel, 77cm x 1,1m

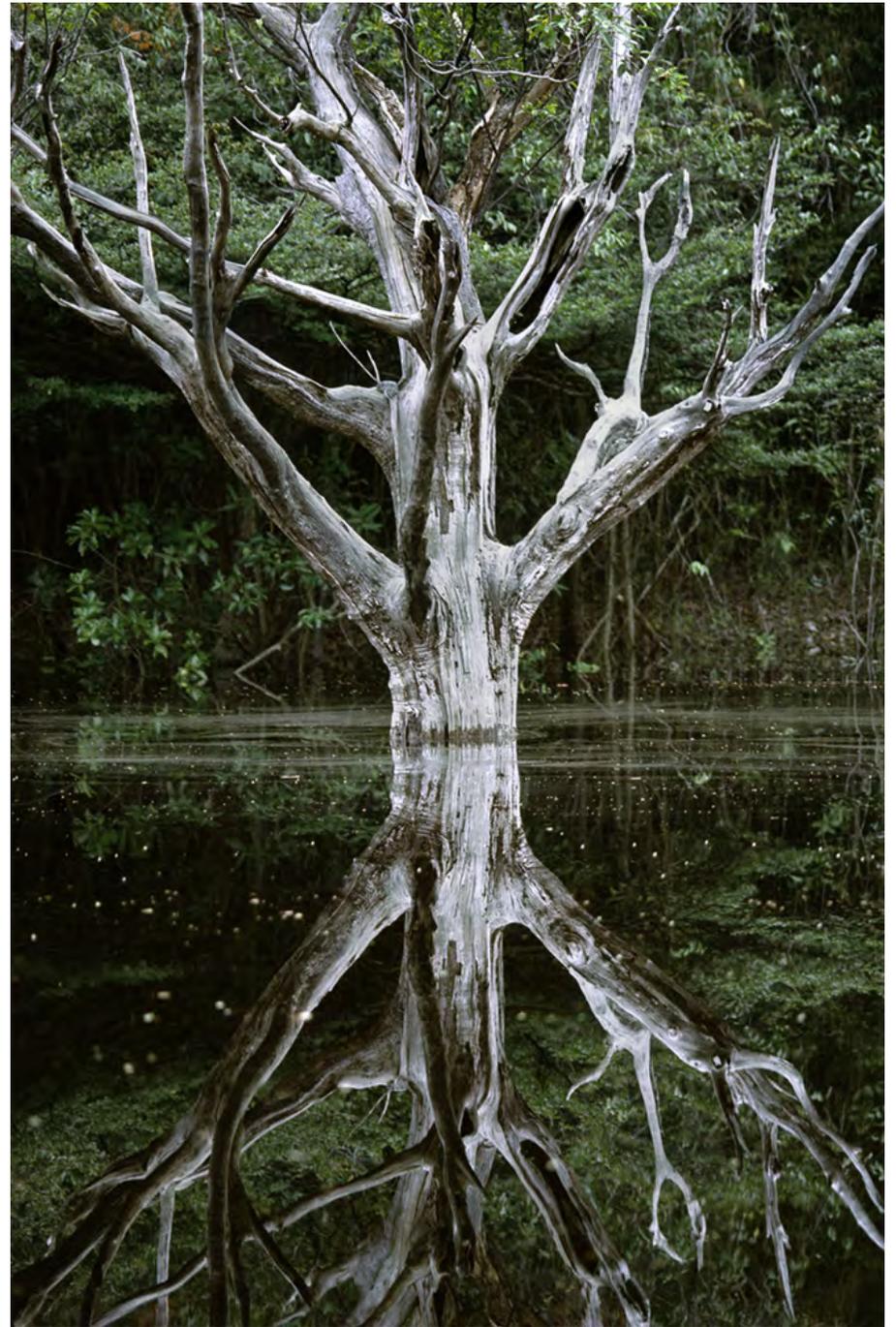
Coleção do artista



ARAQUÉM ALCÂNTARA
Florianópolis, SC, 1951

Árvore em Mata de Igapó
1988, fotografia colorida sobre papel, 90cm x 60cm

Coleção Santander Brasil



CRISTIANO MASCARO

Catanduva, SP, 1944

Brejo Santo, Ceará

2008, fotografia sobre papel, 80cm x 1m

Coleção Santander Brasil

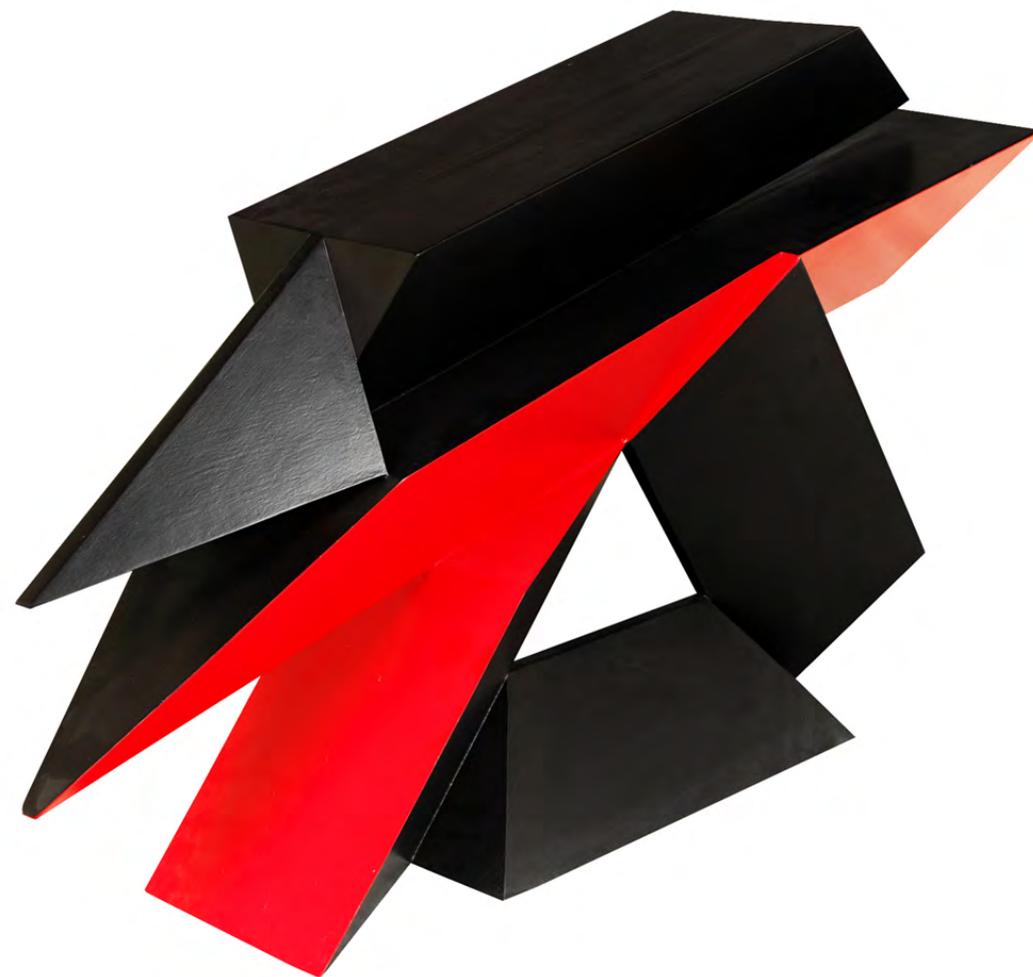


VALDEVINO ALVES CONCEIÇÃO

Sem título
sem data, lã

Coleção Santander Brasil





EMANOEL ARAÚJO

Santo Amaro da Purificação, BA, 1940

Sem título

década 1990, madeira pintada, 1,15m x 1,5m x 75cm

Coleção Santander Brasil

AGENOR FRANCISCO DOS SANTOS

Alagoinhas, BA, 1932 – Embú, SP, 1995

Maternidade

sem data, escultura em madeira, 1,68m x 42cm x 42cm

Coleção Santander Brasil



SANTANDER BRASIL

PRESIDENTE

President
Mario Leão

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E SUSTENTABILIDADE

Executive Vice President of Communication, Marketing, Institutional Relations and Sustainability
Patrícia Audi

SUPERINTENDENTE EXECUTIVA DE EVENTOS, PATROCÍNIOS E CULTURA

Executive Superintendent of Events, Sponsorships and Culture
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER

COORDENADOR GERAL DOS FARÓIS SANTANDER SÃO PAULO E PORTO ALEGRE

General Coordinator of Farol Santander São Paulo and Farol Santander Porto Alegre
Carlos Trevi

ANALISTA DE EVENTOS E EXPOSIÇÕES

Events and Exhibitions Analyst
Jonas Villar

ANALISTA DE COMUNICAÇÃO

Communication Analyst
Tamiris de Melo Nunes

COMERCIALIZAÇÃO DE ESPAÇOS E EVENTOS

Commercialization of Spaces and Events
Catiúscia Michelin
RB Live Marketing

ESTAGIÁRIA

Intern
Isabella Bernardo de Souza

JOVEM APRENDIZ

Young apprentice
Ellen Eunice da Silva Santos

ANALISTA DE FACILITIES GESTÃO PREDIAL

Building Management Facilities Analyst
Barbara Rema
Simone Alves de Paula Fernandes

MANUTENÇÃO PREDIAL E MISSÃO CRÍTICA

Building Maintenance and Mission Critical
Monica Castro Silva

MANUTENÇÃO PREDIAL

Building Maintenance
Ailton Rodrigues
Benny Wislet
Diogo Willians de Oliveira
Edinaldo José da Silva
Edivaldo Alexandre Santos Santana
Ednaldo Santos Nascimento
Evandson Vieira
Everton Alves da Silva
Felipe Santos de Oliveira
Gabriela Silva Monteiro
Giovanni Romano Pitarello Sanches
Ivan Veloso de Souza
Jardel Carlos Pereira
João Khelvin Ferreira Silva
João Vitor Moreira de Oliveira
Jose Evaristo Faccioli Pereira Pinto
Luis Fernando Rodrigues
Luis Henrique Humbinger
Magno de Oliveira Santos
Paulo Rubens Abreu Kaminsky
Richard Valério de Lima
Conbras Serviços técnicos de Suporte

ÁUDIO E VÍDEO

Audio and video
Diego Junior
Ricardo Junior
OSES P Serviços

COORDENADORAS DE ASSISTENTES CULTURAIS

Cultural Assistance Coordination
Gisele Turolla Manfio
Joelma Lopes da Silva
Sympla

ASSISTENTES CULTURAIS

Cultural Assistants
Anderson da Silva Teixeira
Andreza Pereira de Bastos
Crizelia Vanessa Araújo Cavalcanti
Daiani de Assumpção Carreiro
Gustavo Lourenção Fratta
Letícia Miranda Coelho
Lohran dos Santos Coelho
Lucienne Christine R. Monteiro de Barros Mengatti
Marlene Maria dos Santos
Stéfany Borges da Silva
Sympla

ANALISTA DE SEGURANÇA

Security Analyst
Renato Ferreira dos Santos

SUPERVISOR DE SEGURANÇA

Security Supervisor
Edson Costa
Grupo Esparta

CONTROLADORES DE ACESSO, BOMBEIROS E SEGURANÇAS

Access Controllers, Firefighters and Security Guards
Alessandro de Oliveira da Silva
Alexandre Teixeira Almeida
Andre Forte de Castro
Antonio Alves de Moura
Antonio Kleber dos Santos
Antonio Moura
Antonio Raimundo C. de Jesus
Carlos Alexandre Jesus
Cristiane de Souza Nascimento
Conceição Almeida Santana
Daniela Brito Ferreira
Danilo Pereira Belo
Deivid Marques Messias
Denis Franciscus Alves Silva
Edson Andre da Silva
Eduardo Santos Marzola
Fabiana X. dos S. Nascimento
Gilberto Henrique de Freitas
Guilherme Castelo Teixeira
Gabriel Godoy Coutinho
Helio Gonçalves da Silva
Hilton Caetano
Humberto Ferreira
Iranilson Candido Silva
Jean Paulo Martins Santos
Jhonny Correia dos Santos
João Vrgulino de Lima Filho
João Vitor Araujo França
Juliana da Silva Santos
Lilian dos Santos Brito
Lino Batista Pereira
Maria Aparecida Pimentel Santana
Mozart Soares Ferreira
Nadia Aleixo de Souza
Patrícia Rossi Bronze
Priscilla Melo dos Santos
Reinan Setubal dos Reis
Rodrigo Faustino Miranda
Sergio Carrara
Sinatfely L. da Silva Avelino
Talita Melo dos Santos
Victor Hugo Lima de Souza
Wesley Roberto Mancondes Ibarra
William Caetano de Oliveira
Grupo Esparta

COORDENAÇÃO DE LIMPEZA PREDIAL

Building Cleaning Management
Ana Lucia Alves de Souza
Daniela Pereira de Souza
Fernanda Oliveira Vitoriano

LIMPEZA PREDIAL

Building Cleaning
Ana Paula Silva
André Tavares
Amarildo Assunção
Carla Neves
Denise de Moraes
Edilene Dias Santos
Elaine Santos Gonçalves
Elisangela Celestino Jorge
Erivanias Alves dos Santos Pinto
Francisco Leandro
Gilvan Augustinho
Juliana Serafim do Nascimento Cirino
Kely Alves de Souza
Maria do Carmo Ricarto
Nancy Mara Augusto de Souza
Rosângela Clemente
Roseli Feliciano Alonso
Ruth Natalício
Suely de Oliveira
Thays Moia
Valdenice Costa
Grupo GPS

COLEÇÃO SANTANDER BRASIL – ARTE E MEMÓRIA BANCÁRIA

COORDENADOR

Coordinator
Carlos Trevi

MUSEÓLOGA

Museologist
Denise Serra Michelotti

TÉCNICO EM DOCUMENTAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS

Documentation and Collection Conservation Technician
Karina Alves Teixeira
Marco Antonio Teixeira Júnior
Maurício Munuera
Expomus - Exposições, museus e projetos culturais

HISTORIADORES

Historians
Cleber Silva Ramos
Fábio Rogério Cassimiro Corrêa
Marcelo Tanami da Santa Cruz
Maurício Mendes Vieira
Expomus - Exposições, museus e projetos culturais

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governor of the State of São Paulo
João Dória

VICE-GOVERNADOR E SECRETÁRIO DE GOVERNO

Deputy Governor and Secretary of Governmet
Rodrigo Garcia

CHEFE DE GABINETE DA SECRETARIA DE GOVERNO

Chief of Staff of the Secretary of Government
Amauri Gavião Almeida Marques da Silva

ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO

CURADORA DO ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO

Curator of the Artistic-Cultural Collection of Government Palaces
Ana Cristina Carvalho

DIREÇÃO EXECUTIVA

Executive Direction
Marília Alves Barbour

ASSISTÊNCIA À CURADORIA

Curator Assistant
Gustavo Brognara
Ricardo Negreiros Pires Ferreira

PESQUISA

Research
Carolina Macedo Guastaferro
Raquel Elena Ruiz

MONTAGEM

Assemble
Flávio Henrique Sarti Benatti
Luciano Ubirajara Cortabitart
Rodrigo Lourenço da Silva

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Conservation and Restoration
Adriana Pires
Gilberto Liberato
Juliana Perondini Brandão

EXPOSIÇÃO IDENTIDADES - 22&22&22

CONCEITO

Concept
Fernando Brandão

CURADORA

Curator
Ana Cristina Carvalho Faggin
Carlos Augusto Mattei Faggin

ORGANIZAÇÃO GERAL

General Organization
Madai Art

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Executive Production
Angela Magdalena
Julia Brandão

ARQUITETURA E DESIGN GRÁFICO

Architecture and Graphic Design
Fernando Brandao Architecture&Design
Shanghai/SaoPaulo

ASSISTENTES DE ARQUITETURA

Architecture Assistants
Bruna Santoro
Fabiana Han
Nina Lüders
Raí Franz

ASSISTENTE DE DESIGN GRÁFICO

Graphic Design Assistant
Laura Brandão

PRODUÇÃO DE MONTAGEM (MULTIMÍDIA)

Assembly Production (Multimedia)
Primeira Opção

ILUMINAÇÃO

Lightning
Primeira Opção

CONSERVAÇÃO

Conservation
Angela Freitas
Dulcinéia da Paz Rocha
Fernanda Santiago

LICENCIAMENTO DE IMAGENS

Image Licensing
Sandra Pandeló

MONTADORES

Assemblers
Andrey Feixas
Cesar Lopes
Éderson José de Abreu
Felipe Soranz Gonçalves
Pedro Pizant Millan
Pedro Paulo Cruz da Silva
Ricardo Firmino Pereira
Samuel Luis Borges
Willians Pereira

VÍDEOS 22º ANDAR

22º Floor Vídeos

Fotografia

Photography
Ary Diesendruck
Olegario Vasconcelos

Direção de Arte

Art Director
Sergio Santos

Edição e Montagem

Editing
Coletivo Filmes

Interativo Programação e Design

Interactive Programming and Design
Samambaia Digital

LUZ

Lighting
MMV
Quilombo Cenografia

COMUNICAÇÃO VISUAL

Visual Communication
Criart
InSign
VIMI

INSTALAÇÃO MULTIMÍDIA

Multimedia Assemble
Images
MMV

EXECUÇÃO DA CENOGRAFIA

Scenographic Execution
Artos Engenharia
Balduino Vidros
Insign

FOTOGRAFIA CATÁLOGO DIGITAL

Digital Photography Catalog
Germano Lüders

EDITOR DE IMAGENS

Image editor
Carlos Pedretti

REVISÃO E TRADUÇÃO

Proofreading and Translation
Cicero Oliveira
Matthew Rinaldi

SEGURO

Insurance
Affinité

TRANSPORTE E LOGÍSTICA

Logistic and Shipping
Millenium Transporte e Logística

COORDENADOR MONITORIA

Mediation Coordinator
José Souza Ferreira da Silva
Criativa Art and School Psychology

EDUCADORES

Educators
Everton Natan Fermino dos Anjos
Marcia Luciana Diniz
Maria Cecília Silva Lima
Mick Hendrix da Silva Teixeira

ASSISTENTES DE AÇÃO EDUCATIVA

Educational Projetc Assistant
Augusto Santos Preto
Gabriela Nunes da Silva
Isabelle Gerin Paniche
Kamila Nascimento dos Santos
Laura do Carmo Barroso
Maria Sarraf Ferreira da Silva
Robert Dylan da Silva Amaral
Tricia Iziz de Mesquita Rodrigues
Victor França Mendroni Sbrana

ASSESSORIA JURÍDICA

Legal Consulting
Olivieri & Associados

GESTÃO FINANCEIRA

Finance Management
Nelma Alos
Tatiane Monteiro
Madai Art

AGRADECIMENTOS

Acknowledgment
Alvaro Lomba
Deise Sampaio
Geraldina Nunes
Mario Schroeder

Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo
Memorial da América Latina
Pinacoteca Benedito Calixto